



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS
CAMPUS MACAPÁ

ADRIENE ALVES FARIAS
ROMARIO DA SILVA E SILVA

VOCÊ TEM A VIDA INTEIRA: uma leitura sobre a representação de pessoas LGBTQ+ que
vivem com HIV no livro de Lucas Rocha

MACAPÁ
2026

ADRIENE ALVES FARIAS
ROMARIO DA SILVA E SILVA

VOCÊ TEM A VIDA INTEIRA: uma leitura sobre a representação de pessoas LGBTQ+ que
vivem com HIV no livro de Lucas Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado à banca examinadora do curso de
Licenciatura em Letras Português-Inglês como
requisito avaliativo para a obtenção do título de
Licenciados em Letras com habilitação em
Língua Portuguesa e Língua Inglesa e
respectivas Literaturas.

Orientador: Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos

MACAPÁ

2026

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- F224v Farias, Adriene Alves
 Você tem a vida inteira: uma leitura sobre a representação de pessoas LGBTQ+ que vivem com HIV no livro de Lucas Rocha / Adriene Alves Farias, Romario da Silva e Silva. - Macapá, 2026.
 61 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2026.
- Orientador: Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos.
1. Literatura. 2. Representatividade. I. Silva, Romario da Silva e. I. Matos, Dr. Bruno Sérvulo da Silva, orient. II. Título.


ADRIENE ALVES FARIAS
ROMARIO DA SILVA E SILVA

VOCÊ TEM A VIDA INTEIRA: uma leitura sobre a representação de pessoas LGBTQ+ que
vivem com HIV no livro de Lucas Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado à banca examinadora do curso de
Licenciatura em Letras Português-Inglês como
requisito avaliativo para a obtenção do título de
Licenciados em Letras com habilitação em
Língua Portuguesa e Língua Inglesa e
respectivas Literaturas.


Orientador: Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 BRUNO SERVULO DA SILVA MATOS
Data: 03/02/2026 19:41:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente
 ANDRE ADRIANO BRUN
Data: 03/02/2026 19:16:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. André Adriano Brun

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente
 INGRID LARA DE ARAUJO UTZIG
Data: 02/02/2026 19:26:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig

Universidade Estadual do Amapá

Apresentado em: 29/ 01/ 2026.

Conceito/Nota: 100

À nossa família, amigos, professores e a todos que caminharam conosco nesta trajetória acadêmica. E a todas as pessoas LGBTQ+ que vivem com HIV ou enfrentam o preconceito diariamente. Que suas vozes ecoem, que suas histórias sejam ouvidas e que nunca falte coragem para existir e resistir com orgulho.

AGRADECIMENTOS

Eu, Adriene Alves Farias, agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e discernimento para concluir esta etapa da minha vida acadêmica, especialmente nos momentos mais difíceis ao longo desses quatro anos.

Expresso minha gratidão à minha mãe, Socorro da Conceição Alves Farias, por ter sido minha base emocional, oferecendo apoio, presença e palavras de força sempre que precisei.

À minha madrinha, Sebastiana Carmo, agradeço o apoio financeiro indispensável para minha permanência em Macapá e pelos conselhos atentos e esclarecedores ao longo dessa trajetória.

Ao meu amigo Andreo Oliveira de Lima, agradeço o incentivo, parceria e disposição em me ajudar sempre que enfrentei dificuldades durante o curso.

Ao meu melhor amigo e dupla, Romario Silva, minha profunda gratidão pela parceria construída ao longo da vida acadêmica. Sua inteligência, dedicação e leveza tornaram essa caminhada menos árdua e mais significativa. Sou grata por tê-lo em minha vida como um irmão que a universidade me presenteou.

Por fim, agradeço ao nosso orientador, Bruno Sérvulo, por ter aceitado nos orientar e pelas contribuições e orientações que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Eu, Romario da Silva e Silva, manifesto minha gratidão primeiramente a Deus, por me prover a força, a sabedoria e a resiliência necessárias para o êxito nesta etapa acadêmica.

À minha família, em especial à minha mãe, Jacinalva da Silva, e aos meus irmãos, agradeço o suporte incondicional e por serem o alicerce que me sustentou diante de cada desafio.

À minha colega e melhor amiga, Adriene Alves Farias, expresso meu profundo reconhecimento pela parceria na elaboração deste trabalho; sua dedicação e companheirismo tornaram essa jornada possível.

Por fim, estendo meus agradecimentos ao corpo docente do Instituto Federal do Amapá (IFAP), cujos ensinamentos e compromisso ético foram fundamentais para a minha sólida trajetória formativa.

“A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

(Antonio Candido)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar como a literatura pode contribuir para a desconstrução de estigmas e preconceitos acerca do HIV e das identidades dissidentes de gênero e sexualidade. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, fundamentou-se na análise interpretativa da obra *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha, buscando compreender de que maneira os elementos narrativos e discursivos do romance evidenciam o enfrentamento do preconceito e a promoção da empatia. A metodologia adotada baseou-se em autores como Gil (2002) e Fonseca (2002), que definiram a pesquisa bibliográfica como um processo de sistematização e reflexão teórica, e apoiou-se em referenciais de diferentes campos do conhecimento, como Goffman (1988), Foucault (2003), Butler (2004), Louro (2004) e Sontag (1989), para discutir as noções de estigma, sexualidade e representação social. A leitura da obra revelou que Lucas Rocha construiu uma narrativa sensível e humanizadora, na qual os personagens Ian, Henrique e Victor enfrentam o diagnóstico do HIV sob perspectivas distintas, mas convergentes quanto ao aprendizado sobre o autocuidado, o amor e a aceitação. Verificou-se que o autor rompe com a visão estigmatizada do HIV como sentença de morte ou punição moral, apresentando-o como uma condição de vida possível, permeada por afeto, solidariedade e resistência. Concluiu-se que o romance atua como um importante instrumento de educação e conscientização social, ao articular arte e informação de forma acessível e empática, contribuindo para o fortalecimento de uma cultura de respeito, inclusão e valorização da diversidade. Dessa forma, reafirmou-se o papel transformador da literatura como espaço de voz, visibilidade e resistência para sujeitos historicamente marginalizados, promovendo uma reflexão crítica sobre saúde, sexualidade e humanidade.

Palavras-chave: HIV; literatura; representatividade LGBT+; preconceito; empatia.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze how literature can contribute to the deconstruction of stigmas and prejudices about HIV and dissident gender and sexuality identities. The research, which was qualitative and bibliographic in nature, was based on an interpretive analysis of Lucas Rocha's novel *Você tem a vida inteira* (2018), seeking to understand how the narrative and discursive elements of the novel highlight the confrontation of prejudice and the promotion of empathy. The methodology adopted was based on authors such as Gil (2002) and Fonseca (2002), who defined bibliographic research as a process of systematization and theoretical reflection, and drew on references from different fields of knowledge, such as Goffman (1988), Foucault (2003), Butler (2004), Louro (2004), and Sontag (1989), to discuss the notions of stigma, sexuality, and social representation. Analysis of the work revealed that Lucas Rocha constructed a sensitive and humanizing narrative in which the characters Ian, Henrique, and Victor face their HIV diagnosis from different but converging perspectives in terms of learning about self-care, love, and acceptance. It was found that the author breaks with the stigmatized view of HIV as a death sentence or moral punishment, presenting it as a possible life condition, permeated by affection, solidarity, and resistance. It was concluded that the novel acts as an important instrument of education and social awareness, articulating art and information in an accessible and empathetic way, contributing to the strengthening of a culture of respect, inclusion, and appreciation of diversity. Thus, the transformative role of literature as a space for voice, visibility, and resistance for historically marginalized subjects was reaffirmed, promoting critical reflection on health, sexuality, and humanity.

Keywords: HIV; literature; LGBT+ representation; prejudice; empathy.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ART	Terapia Antirretroviral
DNA	ácido desoxirribonucleico
DST'S	Doenças Sexualmente Transmissíveis
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IFAP	Instituto Federal do Amapá
IST'S	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCD4+	Células de defesa do sistema imunológico
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	Aspectos biomédicos e implicações sociais do HIV	14
2.2	A importância da literatura para a promoção da tolerância e do respeito	15
2.3	Definições sobre estereótipo	17
2.4	Implicações e conceito de estigma.....	19
2.5	Conceitos de Teoria <i>Queer</i> e literatura LGBTQ+	20
2.6	Lucas Rocha e o romance <i>Você Tem a Vida Inteira</i>	22
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1	Aspectos metodológicos de natureza geral.....	24
3.2	Aspectos metodológicos de natureza estrita	26
3.3	Procedimentos de análise.....	27
3.4	Relevância e limitações da pesquisa	27
4	ENTRE O ESTIGMA E O CUIDADO: NARRATIVAS DO HIV EM <i>VOCÊ TEM A VIDA INTEIRA</i>	28
4.1	A obra.....	28
4.2	Ian: o enfrentamento do diagnóstico e a reconstrução da identidade.....	30
4.3	Henrique: memória, maturidade e o papel do mentor	34
4.4	Victor: o amor como ato político	40
4.5	HIV, biopolítica e relações sorodiferentes: entre o controle dos corpos e o afeto ...	44
4.6	Do sigilo à exposição: estigma, linguagem e punição moral no romance <i>Você tem a vida inteira</i>	46
4.7	A função dos personagens secundários na construção temática da narrativa	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O estigma social relacionado ao HIV ainda constitui, no século XXI, uma das expressões mais persistentes de preconceito e exclusão. Apesar dos avanços científicos, do acesso gratuito ao tratamento antirretroviral e das campanhas de prevenção, as pessoas que vivem com HIV continuam a enfrentar barreiras simbólicas e afetivas que extrapolam o campo biomédico.

O vírus, inicialmente identificado na década de 1980, passou a carregar significados culturais que o associaram a determinados grupos e comportamentos, sobretudo à população LGBT+, produzindo um imaginário social pautado pela culpa, pela vergonha e pela moralização da sexualidade.

Nesse contexto, a literatura emerge como um espaço de resistência, de voz e de visibilidade para sujeitos historicamente marginalizados. Por meio da ficção, é possível reconfigurar discursos, humanizar experiências e promover empatia social. A obra *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha, insere-se nesse movimento contemporâneo da literatura brasileira que busca representar a diversidade de identidades e vivências sexuais, discutindo, com sensibilidade e realismo, o impacto do diagnóstico de HIV na vida de jovens LGBT+.

O romance acompanha três protagonistas, Ian, Victor e Henrique, cujas histórias se entrelaçam em torno do enfrentamento da soropositividade e da busca por aceitação. Mais do que um relato sobre a doença, o livro apresenta um retrato sobre o amor, a solidariedade e o autoconhecimento. A narrativa desconstrói estereótipos, rompe com a noção de HIV como sentença de morte e oferece uma visão mais humana e possível da convivência com o vírus.

A escolha dessa obra como objeto de análise se justifica pela relevância de sua abordagem ética e social. *Você tem a vida inteira* propõe uma nova leitura sobre o HIV, articulando a dimensão biomédica e a afetiva, e confrontando as representações históricas de exclusão que marcam as pessoas LGBT+. Lucas Rocha, ao dar voz a personagens plurais e complexos, transforma a literatura em ferramenta de educação e conscientização, ampliando o diálogo sobre saúde, diversidade e respeito às diferenças.

Além disso, a obra contribui para a reflexão sobre o papel da arte literária como mediadora de discursos e promotora de empatia. Conforme defende Antonio Candido (2004, p. 180), a literatura “desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para o semelhante”. Assim, analisar o romance de Rocha sob a perspectiva da representação de pessoas LGBT+ vivendo com HIV significa também compreender o potencial transformador da narrativa literária em contextos de exclusão e estigmatização.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a representação de pessoas LGBTQ+ que vivem com HIV no livro *Você tem a vida inteira*, de Lucas Rocha, investigando de que maneira a narrativa literária contribui para a desconstrução de estigmas e para a promoção de empatia e respeito.

Os objetivos específicos deste trabalho incluem: Identificar os principais elementos narrativos que estruturam o enfrentamento do preconceito e da vulnerabilidade social na obra; Compreender como o autor constrói personagens que representam vivências LGBTQ+ diversas e humanizadas; Relacionar a narrativa de Lucas Rocha a teorias sobre estigma, sexualidade e representação social, a partir de autores como Erving Goffman (1988), Michel Foucault (2003), Judith Butler (2004), Susan Sontag (1989) e Richard Parker (2003).

Metodologicamente, o trabalho adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada na análise interpretativa da obra de Lucas Rocha e no diálogo com referenciais teóricos das ciências humanas e sociais. O estudo se apoia na crítica literária e nos estudos culturais, buscando compreender as relações entre linguagem, poder e identidade.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de ampliar o debate sobre representatividade e saúde pública dentro do campo literário. A análise da obra contribui para evidenciar como a arte pode atuar como ferramenta de transformação social, enfrentando preconceitos e fortalecendo discursos de inclusão. Em tempos de retrocessos políticos e morais que ameaçam os direitos da população LGBTQ+, estudar uma obra que promove acolhimento e empatia é, ao mesmo tempo, um ato acadêmico e ético.

A estrutura deste trabalho organiza-se em quatro capítulos principais. No primeiro, apresenta-se a introdução, com a delimitação do tema, objetivos e justificativas. No segundo, desenvolve-se o referencial teórico, abordando as dimensões biomédicas, sociais e simbólicas do HIV, além de discutir a importância da literatura na formação de uma consciência crítica e humanizadora.

No terceiro capítulo, realiza-se a análise da obra *Você tem a vida inteira*, examinando as estratégias narrativas e discursivas que promovem a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento da representatividade LGBTQ+. Por fim, nas considerações finais, apresentam-se as conclusões obtidas a partir da pesquisa e as possíveis contribuições do estudo para o campo da literatura e da educação.

Dessa forma, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o papel da literatura na construção de uma sociedade mais empática e inclusiva, reconhecendo-a não apenas como forma de expressão artística, mas como um espaço privilegiado de elaboração sensível da experiência humana. Enquanto arte, a literatura mobiliza afetos, amplia a capacidade de escuta

e imaginação do leitor e possibilita a resignificação de narrativas historicamente marcadas pelo estigma. Nesse sentido, o HIV e a diversidade sexual passam a ser compreendidos à luz da humanidade, do afeto e da complexidade dos sujeitos, e não do preconceito.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos biomédicos e implicações sociais do HIV

Desde o seu surgimento nos anos 1980, os debates e abordagens sobre o HIV têm sido acompanhados por uma série de estigmas e estereótipos que ultrapassam a dimensão biomédica do vírus. Inicialmente, é importante diferenciar HIV e AIDS. O HIV é o vírus que compromete o sistema imunológico, podendo ser controlado por meio de tratamentos eficazes.

Já a AIDS é a manifestação mais avançada da infecção pelo HIV, caracterizada pela presença de doenças oportunistas decorrentes da imunidade debilitada. Com os avanços da medicina, muitas pessoas vivem com o HIV por décadas sem desenvolver AIDS, desde que recebam o diagnóstico e tratamento adequados.

Segundo o Ministério da Saúde (2024), a AIDS é a doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV é a sigla em inglês). Esse vírus ataca o sistema imunológico, que é o responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos TCD4+. O vírus é capaz de alterar o DNA dessa célula e fazer cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. HIV é um retrovírus, classificado na subfamília dos Lentiviridae e é uma Infecção Sexualmente Transmissível. Esses vírus compartilham algumas propriedades comuns, como por exemplo: período de incubação prolongado antes do surgimento dos sintomas da doença; infecção das células do sangue e do sistema nervoso e supressão do sistema imune.

Em 2023, cerca de 630.000 pessoas foram a óbito por causas relacionadas com a AIDS e cerca de 1,3 milhão de pessoas contraíram o HIV (OMS, 2024). O HIV é um vírus que ainda não possui cura descoberta por cientistas, embora existam estudos recentes que buscam essa possibilidade. Contudo, com o avanço no acesso à prevenção, ao diagnóstico, ao tratamento e aos cuidados eficazes relacionados ao HIV, a infecção pelo vírus passou a ser considerada uma condição crônica controlável. Esse progresso possibilita que as pessoas que vivem com HIV tenham uma expectativa de vida prolongada, com qualidade e bem-estar (OMS, 2024).

Ao longo dos anos, notórios avanços científicos no tratamento e na prevenção do HIV têm contribuído para esta desestigmatização. No entanto, ainda é comum que pessoas vivendo com HIV sejam alvo de preconceito, discriminação e exclusão social. Esses estigmas são reforçados por construções históricas, culturais e midiáticas que associam o vírus à promiscuidade, à irresponsabilidade ou à “culpa” moral. Segundo pesquisa elaborada pela Organização das Nações Unidas (2019), 81% das pessoas vivendo com HIV no Brasil afirmam

que é difícil revelar sua sorologia para outras pessoas, o que pode ser justificado pelo medo de sofrer algum tipo de preconceito baseado na falta de informação da sociedade.

Essa mesma pesquisa da ONU também aponta que mais de 64% das pessoas diagnosticadas com HIV no Brasil já sofreram algum tipo de discriminação. Geralmente, as violências sofridas por estes indivíduos são de natureza verbal, material e até mesmo física. Tais experiências reforçam um ciclo de silêncio e invisibilidade, que dificulta o enfrentamento coletivo da epidemia. Além disso, contribuem para o isolamento social e psicológico daqueles que convivem com o vírus.

A associação entre o HIV e pessoas LGBT+ tem contribuído para a estigmatização e marginalização dessa população. Esse estigma reforça barreiras no acesso à saúde, à informação e à proteção social. Além disso, impacta diretamente o bem-estar psicológico e a qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV.

Desde o início da epidemia nos anos 1980, o vírus foi rapidamente vinculado a grupos considerados “desviantes” das normas heteronormativas, especialmente homens *gays*, reforçando narrativas discriminatórias que associavam a infecção a comportamentos sexuais “imorais” ou “irresponsáveis”.

Essa associação equivocada não apenas desumanizou indivíduos LGBT+, como também sustentou estigmas que permanecem vivos até hoje, dificultando o acesso a direitos, ao diagnóstico precoce e ao tratamento digno.

A literatura, ao retratar com sensibilidade e realismo as vivências de pessoas LGBT+ que vivem com HIV, representa uma ferramenta essencial para desconstruir essas visões distorcidas. Por meio de personagens diversos e narrativas humanizadas, evidencia-se que o HIV não é uma punição ou destino de um grupo específico, mas uma questão de saúde pública que atravessa corpos e realidades múltiplas, exigindo empatia, informação e políticas de inclusão.

2.2 A importância da literatura para a promoção da tolerância e do respeito

A superação de preconceitos é extremamente necessária para que pessoas que vivem com HIV sejam inseridas dignamente na sociedade, e a disseminação de informação é uma das chaves para que este objetivo seja alcançado. Neste sentido, a literatura apresenta-se como um importante mecanismo para esta transmissão de conhecimentos, pois “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2004, p. 180).

De acordo com Caroline Amaral (2017), os livros trazem representações que estimulam os leitores a questionarem conceitos e definições sociais sobre diversos temas, entre eles, a sexualidade, uma vez que são artefatos culturais, mediadores de realidades objetivas e subjetivas. Utilizando a literatura como objeto de mediação, o leitor pode encontrar um lugar de representatividade e refletir sobre sua sexualidade, além de se tornar um cidadão mais consciente e bem informado sobre as questões de identidades de gênero e superação de preconceitos.

A literatura exerce um papel fundamental não apenas no estímulo à imaginação, mas também na promoção do encontro com a alteridade. De acordo com o Nazareth Salutto (2019, p. 116), “a literatura contempla e extrapola limites da experiência do viver, daí seu caráter alteritário, capaz de contemplar a multiplicidade e a polissemia das vozes que habitam a esfera cotidiana”. Trata-se de uma prática que contribui para a humanização tanto do sujeito que escreve quanto daquele que lê, ao favorecer a empatia e a reflexão crítica.

Salutto (2019, p. 118) defende que “ler literatura, portanto, se faz necessário porque se trata de uma forma de diálogo, um modo de escutar, de conhecer, de compreender, de indagar, de enfrentar”. Nesse sentido, a literatura constitui um instrumento relevante no processo de compreensão da existência, ao estabelecer um diálogo dialético entre a exterioridade do mundo e a interioridade do leitor.

O diálogo entre literatura e a representação de pessoas que vivem com HIV revela como a narrativa literária pode problematizar as construções simbólicas que cercam a doença, frequentemente associada a práticas sexuais marginalizadas. Conforme aponta Sontag (1989), patologias como o HIV são historicamente revestidas de metáforas que extrapolam o campo biomédico, convertendo-se em instrumentos de estigmatização e moralização.

Nesse sentido, o HIV passou a ser não apenas uma questão de saúde pública, mas também um marcador social carregado de juízos morais, especialmente em relação aos corpos dissidentes, como os de homens gays sexualmente ativos.

Foucault (2003) contribui para essa reflexão ao demonstrar como os discursos sobre a sexualidade e a saúde funcionam como dispositivos de controle social, construindo subjetividades a partir de normas que definem o que é considerado aceitável ou desviante. Nesse contexto, a literatura passa a ser um espaço de resistência e de reconfiguração desses discursos, ao dar visibilidade às experiências de pessoas que vivem com HIV e, simultaneamente, questionar os mecanismos de exclusão que as atravessam. Assim, a ficção literária pode operar como uma ferramenta crítica, ao tensionar os discursos normativos e ampliar a compreensão sobre a condição humana diante do adoecimento e do preconceito.

A literatura tem desempenhado um papel significativo na representação do HIV, especialmente a partir da década de 1980, quando a epidemia emergiu como um fenômeno global com profundas implicações sociais e culturais. Diversas obras literárias passaram a explorar o impacto da doença tanto no plano individual quanto coletivo, contribuindo para dar visibilidade às experiências de pessoas que vivem com HIV e para a desconstrução de estigmas historicamente associados ao vírus.

Autores como Hervé Guibert, com *Ao amigo que não me salvou a vida* (1990), retratam de forma autobiográfica a vivência do adoecimento, expondo o sofrimento físico e emocional diante da finitude. No contexto brasileiro, a literatura contemporânea também se debruça sobre o tema, como se observa em *Depois daquela viagem*, de Valéria Polizzi (1997), obra que constitui um marco na literatura juvenil brasileira ao abordar, de forma autobiográfica, a vivência de uma jovem que descobre sua soropositividade ainda na adolescência. Narrado em primeira pessoa, o livro rompe o silêncio em torno do HIV ao tratar do vírus não apenas sob a perspectiva médica, mas, sobretudo, a partir de suas implicações emocionais, sociais e existenciais.

Essas narrativas literárias configuram-se como espaços de resistência e de elaboração simbólica, capazes de interpelar o leitor a partir da humanização dos sujeitos retratados. Ao lançar luz sobre experiências frequentemente silenciadas ou marginalizadas, a literatura contribui para o debate crítico sobre a doença e seus desdobramentos sociais, reafirmando sua potência como instrumento de reflexão e transformação. Dessa forma, ela promove a construção de empatia e o questionamento de preconceitos arraigados na sociedade.

2.3 Definições sobre estereótipo

Segundo Leandro Fonseca em artigo “A presença do HIV em obras literárias selecionadas pelo PNLD Literário 2018”, publicado em 2020, a excessiva produção de discursos discriminatórios por parte de instituições sociais como a escola, família e a igreja, construiu um imaginário social de exclusão e desrespeito, não apenas sobre o agente biológico da doença, mas principalmente sobre as pessoas que vivem com o HIV, o que reforça um fenômeno de marginalização destes sujeitos, que passam a enfrentar preconceitos em diversos setores sociais.

O termo "estereótipo" foi inicialmente introduzido por Walter Lippmann na década de 1920, sendo empregado para caracterizar construções mentais padronizadas e rígidas atribuídas a determinados grupos sociais. Tais construções atuam diretamente na maneira

como os indivíduos percebem o outro e direcionam seus comportamentos com base nessas imagens preconcebidas. De acordo com Lippmann (1950, p. 65), “os estereótipos constituem o traço primordial que precede a razão; são uma forma de percepção que impõe determinado caráter aos dados sensoriais antes que estes sejam processados pela inteligência”.

Os estereótipos se manifestam previamente ao processo de pensamento racional. Em outras palavras, antes mesmo que ocorra uma reflexão lógica acerca de determinado objeto ou indivíduo, a mente já se encontra influenciada por construções prévias – os estereótipos. Tal dinâmica evidencia que os estereótipos operam de forma automática e inconsciente, desempenhando um papel central na conformação da percepção que os sujeitos constroem em relação ao mundo que os cerca.

De acordo com definição do Dicionário Michaelis (2025), A palavra “estereótipo” tem origem no grego *stereos*, que significa “sólido” ou “firme”, e *typos*, que remete a “impressão”, designando, portanto, uma ideia fortemente fixada. Segundo Stuart Hall (2016), os estereótipos operam por meio da redução e da fixação das diferenças, simplificando grupos sociais complexos em poucas características supostamente essenciais. Esse processo não é neutro, pois está diretamente relacionado a relações de poder, funcionando como mecanismo de exclusão simbólica e de manutenção de hierarquias sociais.

Os estereótipos manifestam-se em diversas esferas da vida social, sendo o de gênero um dos mais recorrentes. Contudo, tais construções podem ser observadas em múltiplos domínios, abrangendo aspectos relacionados às ocupações profissionais, às etapas do ciclo de vida, às estruturas familiares, às classes sociais, ao estado civil, aos comportamentos considerados desviantes, entre outros campos nos quais se estabelecem distinções e classificações sociais.

Consoante Marcos Emanuel Pereira (2002, p. 50), “os estereótipos deveriam ser caracterizados como uma parte do conhecimento coletivo de uma sociedade, uma vez que tais crenças compartilhadas produzem efeitos significativos na manifestação dos comportamentos sociais”. Desse modo, torna-se indispensável considerá-los na construção de um entendimento mais abrangente quanto aos processos de estereotipização. A reflexão acerca dos estereótipos permite compreender de que forma construções sociais simplificadas influenciam a percepção de determinados grupos sociais. Tais representações reducionistas são constituídas como alicerce para a consolidação de estigmas, os quais intensificam processos de exclusão e manutenção das desigualdades sociais.

2.4 Implicações e conceito de estigma

O conceito de estigma foi amplamente discutido pelo sociólogo Erving Goffman (1988, p. 13), que o definiu como “um atributo profundamente depreciativo, capaz de reduzir um indivíduo de uma pessoa completa e normal a uma manchada, diminuída”. O estigma, portanto, não está apenas no atributo em si, mas no modo como ele é interpretado e rejeitado socialmente. Pode se manifestar de forma explícita (como insultos e violência) ou implícita (como olhares, exclusões sutis ou tratamento desigual).

O estigma é um fenômeno social profundamente enraizado, que atua como marcador simbólico de desvalorização. Trata-se de um processo pelo qual determinados grupos ou características são vistos como inferiores, indesejáveis ou desviantes da norma social. Compreender criticamente os estigmas e seus efeitos é fundamental para promover práticas inclusivas e igualitárias. Goffman (1988) define o estigma como um sinal profundamente desvalorizador, usado para excluir do grupo dominante indivíduos ou grupos com características divergentes das normas sociais. Essa marca simbólica resulta na rejeição, discriminação e exclusão dessas pessoas de espaços sociais variados.

No caso dos estigmas, consiste em uma marca que o indivíduo estigmatizado carrega e que, de algum modo, suscita no outro a percepção estigmatizante. Segundo Rosana de Lima Soares (2009, p. 3), “para alguém ser estigmatizado deve, de alguma forma, aceitar ocupar o lugar ao qual está sendo destinado, ver-se nele, reconhecer-se; precisa, portanto, estigmatizar-se”. Nesta perspectiva, o processo de estigmatização não se dá de forma unilateral, mas também abrange uma forma de internalização e consentimento de posição social, quase uma forma de autoestigmatização.

De acordo com Soares (2009, p. 4), “os estigmas, portanto, não são em si negativos ou positivos, ainda que pareçam sempre mais prejudiciais do que benéficos”. Isto significa que os estigmas, em sua essência, não possuem um valor intrinsecamente negativo ou positivo, ou seja, são construções sociais neutras do ponto de vista moral ou social. No entanto, na prática, os efeitos sociais dos estigmas tendem a ser majoritariamente negativos. Embora possam ter surgido historicamente como mecanismos de diferenciação ou controle social, sua aplicação quase sempre resulta em exclusão, marginalização e preconceito. Assim, mesmo não sendo inerentemente prejudiciais, os estigmas geralmente operam de forma a reforçar desigualdades e limitar o acesso de certos grupos à plena participação social.

A presença de estigmas sociais se torna ainda mais evidente na construção social em torno de patologias como o HIV. As marcas simbólicas atribuídas às pessoas que vivem com o

vírus são reforçadas por estereótipos, contribuindo significativamente para sua marginalização. Compreender a trajetória histórica e o contexto sociocultural da epidemia de AIDS é fundamental para entender como o preconceito e a desinformação perpetuam a exclusão social.

2.5 Conceitos de Teoria *Queer* e literatura LGBT+

A Teoria *Queer* surge como uma ferramenta crítica para desconstruir os discursos normativos que sustentam tanto os estereótipos quanto os estigmas associados ao HIV e às identidades dissidentes. Ao questionar as categorias fixas de gênero e sexualidade, a Teoria *Queer* propõe uma leitura mais ampla das experiências humanas, desafiando os paradigmas que sustentam a exclusão e a patologização de corpos e identidades.

A literatura foi, muitas vezes, um campo de disputa simbólica, onde identidades, normas e subjetividades são constantemente representadas, tensionadas e ressignificadas. Nesse contexto, a literatura *queer* emerge como um espaço potente de questionamento das normas de gênero e sexualidade, propondo uma leitura crítica das convenções literárias e sociais. Com raízes na Teoria *Queer*, desenvolvida a partir dos anos 1990, essa vertente literária propõe uma reconfiguração dos modos de se pensar o corpo, o desejo, a linguagem e a identidade.

De acordo com Marcos Mariano (2024, s.p.),

A Teoria *Queer* na Literatura é um campo de estudo que analisa textos literários sob a perspectiva das identidades de gênero e sexualidade não normativas. Essa abordagem crítica busca desconstruir as narrativas tradicionais que frequentemente marginalizam ou ignoram as experiências LGBT+. A Teoria *Queer* propõe uma leitura que desafia as normas sociais estabelecidas, permitindo uma compreensão mais ampla e inclusiva da literatura.¹

Assim, a Teoria *Queer* contribui para tornar a literatura um espaço mais inclusivo, onde diferentes vivências ganham visibilidade e reconhecimento. Ainda segundo Mariano (2024), “A literatura *queer* inclui obras que abordam temas relacionados à sexualidade e identidade de forma explícita ou implícita”. Desta forma, compreende-se que a literatura *queer* não se limita a uma estética ou temática única, mas se constitui como um campo plural, marcado pela resistência e pela afirmação de identidades marginalizadas.

O conceito de *queer* se apresenta como uma noção ampla e multifacetada, com

¹ Extraído do link do site <https://literar.org/glossario/teoria-queer-na-literatura-definicao-e-analise/>
Acesso em: 1 maio 2025.

fundamentos que atravessam os campos político, acadêmico e cultural. Segundo Annamarie Jagose (1996), originalmente, o termo possuía um caráter pejorativo na língua inglesa, sendo utilizado para ofender indivíduos que não se enquadravam nas normas heterossexuais e cisgênero. No entanto, a partir das décadas de 1980 e 1990, *queer* passou por um processo de ressignificação promovido por ativistas e teóricos, transformando-se em uma ferramenta de resistência política e de afirmação identitária frente às imposições normativas de gênero e sexualidade.

Nas palavras de Butler (2004, p. 188), "se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido". Esta afirmação reforça que pessoas LGBTQ+ são parte dessas normas que restringem a diversidade de existência, muitas vezes reforçando exclusão e preconceito. Geralmente, as representações de pessoas LGBTQ+ são estereotipadas, com suas múltiplas formas de existência sendo frequentemente reduzidas a imagens estigmatizadas, excludentes e, por vezes, patologizantes.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2004, p. 7-8),

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

A literatura LGBTQ+ brasileira tem ganhado crescente visibilidade nas últimas décadas, consolidando-se como um espaço de expressão política, afetiva e cultural das vivências dissidentes em relação às normas heterocisnormativas. Essas produções literárias têm desempenhado um papel fundamental na desconstrução de estigmas, na afirmação de identidades e na problematização das violências estruturais enfrentadas por pessoas LGBTQ+ no Brasil.

A literatura LGBTQ+ brasileira vem se consolidando como um campo significativo de resistência simbólica e afirmação identitária, abordando de forma crítica questões ligadas à sexualidade, às identidades de gênero e às experiências de sujeitos da comunidade LGBTQ+.

Obras como *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1983), de Cláudio B. Vasques, *O Beijo no Asfalto* (1961), de Nelson Rodrigues, *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* (contos), de Caio Fernando Abreu, *E Se Eu Fosse Puta* (2016), de Amara Moira, e *O Corpo em que Nascemos* (2015), de Eliandro Siqueira, compõem um expressivo acervo literário nacional

que questiona normas hegemônicas e dá visibilidade a grupos historicamente marginalizados.

2.6 Lucas Rocha e o romance *Você Tem a Vida Inteira*

Além de sua função estética e artística, a literatura LGBTQ+ cumpre uma importante função social e pedagógica, sobretudo ao dialogar com o público jovem, como é o caso do romance *Você Tem a Vida Inteira* (2018), de Lucas Rocha. Por meio da representação sensível de personagens diversos, essa obra oferece uma alternativa às narrativas hegemônicas e permitem que leitores se reconheçam nas páginas, sendo eles membros da comunidade LGBTQ+ ou não, sendo convidados a revisar seus próprios preconceitos.

Lucas Rocha é um escritor e bibliotecário brasileiro, com mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Nascido em São Gonçalo (RJ) e atualmente residente em São Paulo (SP), o autor tem se destacado no cenário literário contemporâneo por abordar temáticas ligadas à diversidade e à representatividade, especialmente no que se refere à comunidade LGBTQ+. Sua trajetória profissional, marcada pela dedicação à promoção da leitura e à democratização do acesso à informação, reflete-se diretamente em sua produção literária, que busca articular sensibilidade estética e compromisso social.

Seu romance de estreia, *Você Tem a Vida Inteira* (Editora Record, 2018), constitui uma relevante contribuição à literatura juvenil brasileira ao tratar de forma humanizada e informativa o tema do HIV. O livro foi resultado de um cuidadoso processo de pesquisa, no qual o autor consultou infectologistas, leu artigos científicos e dialogou com pessoas que convivem com o HIV, demonstrando o compromisso ético com a representação fiel e respeitosa da temática.

A recepção crítica e o reconhecimento internacional da obra evidenciam a relevância de Lucas Rocha na literatura contemporânea. O livro que serve como *corpus* desta pesquisa foi publicado em diversos países sob o título *Where We Go From Here* e premiado pelo *Latino Book Awards* e pelo *GLLI Book Prize*. Dessa forma, *Você Tem a Vida Inteira* consolida-se não apenas como uma obra literária de impacto social, mas também como um instrumento de reflexão e empatia no combate ao preconceito e na valorização da diversidade humana.

O romance apresenta a trajetória de três jovens cujas experiências se entrelaçam a partir do diagnóstico do HIV. A narrativa acompanha Ian, um universitário que descobre sua soropositividade após uma relação casual; Henrique, um jovem que convive com o HIV há mais tempo e demonstra maior maturidade diante das implicações da condição; e Victor, parceiro afetivo de Henrique, que enfrenta seus próprios receios e preconceitos relacionados

à convivência com o vírus. A abordagem do diagnóstico do HIV utilizada por Lucas Rocha é muito sensível e direta, como se pode observar desde a primeira página do livro: “O primeiro passo é admitir para você mesmo que, não importa qual seja o resultado, a vida continua” (Rocha, 2018, p. 5).

Por meio desses personagens, a obra aborda questões centrais como o estigma social em torno do HIV, a desinformação, o apoio familiar ou a falta dele, a amizade, a descoberta da sexualidade e os processos de amadurecimento juvenil. Ao propor uma narrativa que desconstrói estereótipos e preconceitos historicamente associados ao HIV, o romance contribui para o debate sobre saúde, juventude e diversidade sexual, oferecendo uma perspectiva crítica e humanizada sobre o tema, como se percebe no seguinte trecho: “Olha, as pessoas não morrem mais disso. Se você fizer o tratamento corretamente, pode ter uma vida tão normal quanto a de qualquer outra pessoa” (Rocha, 2018, p. 11).

A escrita de Lucas Rocha organiza a narrativa de modo a produzir identificação e empatia, fazendo com que os conflitos apresentados ultrapassem a ficção e convoquem o leitor à reflexão sobre questões sociais concretas. No seguinte excerto do livro, observa-se a narrativa coloquial e direta utilizada pelo autor: “Não precisa se assustar, sério mesmo, mas sou soropositivo. Eu me cuido e tomo os remédios, então estou indetectável, e como a gente transou com camisinha não tem problema nenhum e tal” (Rocha, 2018, p. 24). Neste sentido, *Você Tem a Vida Inteira* configura-se como uma produção que articula ficção e conscientização, promovendo representatividade para sujeitos LGBTQ+ e incentivando a construção de olhares mais empáticos e informados por parte do público leitor.

Assim, a literatura LGBTQ+ brasileira não apenas amplia a diversidade de vozes no cenário literário nacional, mas também atua como instrumento de transformação cultural e política, ao afirmar a legitimidade de existências que historicamente foram negadas. Neste contexto, o livro *Você Tem a Vida Inteira* pode ser compreendido como uma obra de literatura LGBTQ+ de informação, ao conjugar elementos estéticos e narrativos com um forte compromisso ético e pedagógico. Através da ficção, o romance contribui para o combate à desinformação sobre o HIV, promovendo empatia, acolhimento e visibilidade para sujeitos LGBTQ+, em especial os jovens que convivem com este vírus.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, ancorado na análise interpretativa da obra *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha. Parte-se da compreensão de que a literatura constitui um campo privilegiado para a investigação de experiências humanas complexas, especialmente aquelas marcadas por processos de estigmatização social.

Para tanto, adota-se o método analítico-interpretativo, fundamentado em contribuições da crítica literária e dos estudos culturais, que permitem examinar a construção narrativa, as personagens, os conflitos e os sentidos simbólicos mobilizados pela obra. A análise dialoga com referenciais teóricos que abordam questões como estigma, memória, identidade, sexualidade e representação, possibilitando uma leitura que articula texto literário e contexto sociocultural.

Assim, a pesquisa não se limita à dimensão estética da obra, mas considera seu potencial ético, político e formativo, ao promover a empatia, a humanização e a ampliação do olhar crítico do leitor frente às vivências de sujeitos historicamente marginalizados.

3.1 Aspectos metodológicos de natureza geral

A pesquisa acadêmica desempenha papel essencial no avanço do conhecimento em diversas áreas, especialmente ao possibilitar a sistematização, a análise crítica e a ampliação de saberes já produzidos. Com base nesse princípio, a presente investigação possui caráter qualitativo e bibliográfico, fundamentada na análise interpretativa do livro *Você Tem a Vida Inteira*, de Lucas Rocha, compreendendo a obra como objeto cultural e discursivo. O estudo adota uma abordagem hermenêutico-analítica, voltada à compreensão de como os elementos narrativos do romance contribuem para a desconstrução de estigmas relacionados ao HIV e à representatividade LGBTQ+, bem como para a promoção de leituras mais sensíveis e humanizadas.

Segundo Antonio Carlos Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador dialogar com diferentes perspectivas teóricas. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, o que reforça sua relevância metodológica. De acordo com João José Saraiva da Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Seguindo a linha teórica de Fonseca (2002), a presente análise foi conduzida a partir da leitura crítica do livro de Lucas Rocha, com destaque para passagens que evidenciam o enfrentamento de preconceitos, a representação da vivência de pessoas que convivem com o HIV e os conflitos relacionados à sexualidade e identidade de gênero. Foram observados aspectos como: construção dos personagens, interações sociais, discursos sobre saúde e afetividade, além de elementos simbólicos que favorecem a reflexão sobre exclusão, empatia e resistência.

A pesquisa foi amparada por referencial teórico interdisciplinar, envolvendo autores dos campos da literatura, sociologia, psicologia social e estudos *queer*, como Goffman (1988), Louro (2004), Foucault (2003), Sontag (1989) e Mariano (2024). Foram utilizadas fontes oficiais e documentos informativos sobre HIV, como publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e AIDS (UNAIDS) e Ministério da Saúde do Brasil. De acordo com Avaetê de Lunetta Rodrigues Guerra e Dayvison Bandeira de Moura (2021, p. 601),

A pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador manter-se atualizado sobre os avanços e descobertas na área de estudo. Ao buscar e analisar publicações recentes, o pesquisador pode identificar novas tendências, teorias e metodologias que podem ser incorporadas em sua pesquisa educacional. Isso contribui para a inovação e relevância do estudo, mantendo-o alinhado com as demandas e desafios contemporâneos.

Partindo deste princípio de Guerra e Moura (2021), o presente estudo foi pautado em referenciais teóricos atuais que versam o tema central da investigação, como foco na representação de pessoas que vivem com HIV e de membros da comunidade LGBT+. A seleção e organização dos dados ocorreu por meio de fichamentos temáticos e análise categorial, que permitiu identificar os principais eixos abordados na narrativa, tais como: estigma e exclusão social; identidade e sexualidade; juventude e enfrentamento do diagnóstico; suporte familiar e redes de apoio.

3.2 Aspectos metodológicos de natureza estrita

O presente trabalho adota a forma de análise literária interpretativa. Com base nessa análise, a pesquisa busca demonstrar de que forma a literatura, neste caso, uma obra voltada ao público juvenil, pode atuar como instrumento de reflexão crítica, enfrentamento do preconceito e promoção da empatia em contextos sociais e educacionais. Ao abordar temáticas sensíveis como o HIV e a diversidade sexual, a narrativa amplia o repertório dos leitores e estimula o debate sobre direitos humanos. Assim, a literatura se consolida como uma ferramenta pedagógica capaz de provocar questionamentos e fomentar práticas mais inclusivas.

O trabalho adota a forma de análise literária interpretativa, na qual se investigam elementos narrativos (personagens, enredo, discurso e focalização) articulados a aspectos históricos e sociais. Essa metodologia permite relacionar a obra de Lucas Rocha com os discursos sobre sexualidade, identidade e saúde pública.

A análise literária é orientada por referenciais teóricos que fundamentam a discussão sobre estigma, representação e gênero. Entre os principais autores utilizados destacam-se: Erving Goffman (1988), com o conceito de estigma e identidade deteriorada; Michel Foucault (2003), sobre a construção histórica dos discursos sobre o corpo e a sexualidade; Judith Butler (2004), com sua teoria da performatividade de gênero; Susan Sontag (1989), com a crítica às metáforas da doença; e Richard Parker e Peter Aggleton (2003), sobre o estigma do HIV e suas dimensões culturais.

O diálogo entre esses autores possibilita compreender como o HIV é não apenas uma questão médica, mas também um fenômeno discursivo e simbólico, que molda identidades e relações sociais. A literatura, enquanto forma artística e discursiva, torna-se campo privilegiado para examinar como esses significados são construídos, questionados e ressignificados.

O *corpus* principal da pesquisa é o romance *Você tem a vida inteira* (2018), do escritor brasileiro Lucas Rocha, publicado pela editora Galera Record. A escolha da obra se deu pela sua relevância contemporânea e por tratar com sensibilidade e realismo temas relacionados à juventude, à sexualidade e ao HIV. O livro, narrado sob múltiplos pontos de vista, apresenta três protagonistas que vivenciam diferentes etapas do processo de diagnóstico, aceitação e convivência com o vírus.

A análise concentrar-se-á em trechos representativos da narrativa, selecionados a partir dos fichamentos e leituras críticas, nos quais se evidenciam a construção dos personagens, os conflitos emocionais e os discursos de resistência. O exame desses fragmentos permitirá

identificar como o autor articula linguagem, ética e empatia para construir uma representação positiva e humanizada das pessoas LGBTQ+ que vivem com HIV.

3.3 Procedimentos de análise

O procedimento metodológico adotado baseia-se na leitura crítica e interpretativa, articulando teoria e texto literário em diálogo constante. O processo de análise foi desenvolvido em três etapas:

1. Leitura exploratória da obra, com o objetivo de identificar temas centrais, personagens, enredo e estratégias narrativas.
2. Levantamento e revisão bibliográfica, utilizando autores que discutem HIV, estigma, sexualidade e literatura contemporânea.
3. Análise interpretativa dos fragmentos selecionados, com base no fichamento elaborado e nas categorias teóricas de estigma, performatividade e empatia.

O estudo não pretende generalizar conclusões, mas compreender a singularidade da narrativa de Lucas Rocha dentro do contexto das representações literárias sobre o HIV no Brasil.

3.4 Relevância e limitações da pesquisa

A principal relevância deste trabalho reside em sua contribuição para o campo da literatura e da educação, ao promover um diálogo interdisciplinar entre arte, saúde e diversidade. A análise literária de *Você tem a vida inteira* amplia a compreensão sobre a experiência de pessoas que vivem com HIV e reforça a importância da literatura como ferramenta de empatia e transformação social.

Entre as limitações do estudo, reconhece-se a especificidade do *corpus* e o fato de a análise se restringir à perspectiva textual e interpretativa. Contudo, essas limitações não reduzem a validade da pesquisa, pois o objetivo é aprofundar a compreensão simbólica e discursiva de um caso representativo, e não construir generalizações teóricas. Assim, a metodologia aqui apresentada busca garantir rigor teórico e sensibilidade analítica, articulando fundamentos científicos e humanísticos para investigar o modo como a literatura pode desconstruir estigmas e promover visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados.

4 ENTRE O ESTIGMA E O CUIDADO: NARRATIVAS DO HIV EM *VOCÊ TEM A VIDA INTEIRA*

Ao articular as vozes de Ian, Henrique e Victor, a obra produz um mosaico de subjetividades que revela não apenas diferentes momentos da vivência sorológica, mas também os discursos sociais que incidem sobre o corpo, a sexualidade e o afeto. Nesse sentido, o HIV é apresentado não apenas como condição biomédica, mas como experiência simbólica e social, permeada por estigmas historicamente construídos e por processos contínuos de ressignificação identitária.

A estrutura polifônica do romance permite, assim, que o leitor acompanhe os impactos do diagnóstico, as estratégias de enfrentamento e os mecanismos de negociação do estigma em diferentes níveis da vida social.

Como aponta Candido (2004), a literatura exerce uma função humanizadora ao possibilitar o reconhecimento do outro em sua complexidade, ampliando a sensibilidade ética do leitor. Em *Você tem a vida inteira*, a narrativa se constrói a partir de uma recusa consciente das representações trágicas e fatalistas historicamente associadas ao HIV, que durante décadas contribuíram para a produção do medo, do silêncio e da exclusão social das pessoas que vivem com HIV.

Em oposição a esse imaginário, o romance investe em uma escrita que valoriza o cuidado como prática cotidiana, o afeto como dimensão fundamental das relações humanas e a constituição de redes de apoio como estratégia de enfrentamento do estigma.

A experiência com o HIV, desse modo, é apresentada não como ruptura absoluta da vida, mas como parte de uma existência possível, atravessada por vínculos amorosos, convivência social e processos contínuos de reconstrução subjetiva.

Ao deslocar o foco da doença para as relações e para a resistência cotidiana, a obra contribui para uma leitura mais humanizada da sorologia, reafirmando a vida, o desejo e a possibilidade de futuro como elementos centrais da experiência soropositiva.

4.1 A obra

Publicado em 2018 pela editora Galera Record, *Você tem a vida inteira*, romance de estreia do escritor fluminense Lucas Rocha, insere-se no panorama da literatura brasileira contemporânea voltada ao público jovem, abordando temas sensíveis como o HIV, a homossexualidade, o preconceito e a descoberta de si mesmo. O autor, que é bibliotecário e

ativista da comunidade LGBTQ+, cria uma narrativa que busca desmistificar o HIV e promover empatia através da ficção. Segundo Lucas Rocha, em entrevista concedida ao site da Editora Record (2019):

A verdade é que ainda existe um estigma social muito grande com os portadores do vírus HIV, principalmente com os homens *gays*, as pessoas trans e aqueles que trabalham com sexo, um estigma que remonta às décadas de 80 e 90 e ao desconhecimento que as esferas social e de saúde possuíam sobre o que era o vírus HIV e como controlá-lo. Hoje a medicina evoluiu e atingiu um estágio em que o portador vive uma vida saudável com o uso dos antirretrovirais. Falar sobre HIV é importante para que o avanço social atinja o mesmo nível do clínico; que os portadores possam falar naturalmente sobre sua condição sem que isso seja motivo de afastamento de terceiros ou de preconceitos no que diz respeito ao mercado de trabalho e às relações afetivas.²

O título da obra, *Você tem a vida inteira*, já indica a intenção de desconstruir o imaginário da morte que, por décadas, marcou o discurso social sobre o vírus. O livro propõe, ao contrário, uma celebração da vida, do afeto e da esperança, afastando-se das narrativas trágicas que dominaram os anos iniciais da epidemia. Nesse sentido, o título antecipa o posicionamento ético da narrativa, ao deslocar o HIV do campo da fatalidade para o da continuidade da vida, sugerindo a possibilidade de reconstrução de sentidos, projetos e relações.

A narrativa é construída a partir de três protagonistas: Ian, um jovem que acaba de descobrir ser HIV positivo; Henrique, um personagem mais velho que já vive com o vírus há alguns anos e que se torna referência de acolhimento e superação; e Victor, um rapaz soronegativo que desenvolve sentimentos por Henrique. As vozes desses personagens se alternam em capítulos intercalados, oferecendo ao leitor uma visão plural da experiência do HIV e da diversidade sexual. Segundo Cândida Vilares Gancho (2002, p. 19), “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista”.

No romance de Rocha, essa concepção se materializa de maneira explícita na escolha desses três narradores em primeira pessoa, cada um responsável por apresentar sua própria vivência e interpretação dos fatos narrados. A alternância de vozes não apenas amplia o foco narrativo, mas também evidencia a diversidade de experiências que atravessam o convívio com o HIV.

² Extraído do link do site <https://www.record.com.br/voce-tem-a-vida-inteira-de-lucas-rocha/> Acesso em: 20 outubro 2025.

4.2 Ian: o enfrentamento do diagnóstico e a reconstrução da identidade

A trajetória de Ian representa o momento da descoberta e o impacto psicológico do diagnóstico. A narrativa inicia com a cena em que ele recebe o resultado positivo, momento de colapso e negação. Sua reação reflete o medo socialmente construído em torno do HIV, mais do que a doença em si. A revelação do diagnóstico é ilustrada no seguinte trecho do romance: “O papel está rabiscado com uma caneta azul e um ‘xis’ está marcando dois parênteses ao lado das três letras maiúsculas: (×) HIV+” (Rocha, 2018, p. 10). Esse momento inicial evidencia não apenas a surpresa e o choque do personagem, mas também coloca o leitor em contato imediato com a realidade emocional de quem recebe um diagnóstico soropositivo.

Ademais, a narrativa permite compreender como o preconceito e a desinformação social contribuem para sentimentos de isolamento e medo, ressaltando a importância da empatia e do acolhimento. A partir desse ponto, o romance constrói um arco de aprendizagem, diálogo e construção de redes de apoio, mostrando que a experiência com o HIV é atravessada por dimensões afetivas, sociais e éticas, e não apenas biomédicas. Essa dimensão social do sofrimento de Ian pode ser analisada à luz da teoria do estigma proposta por Goffman (1988), que o define como um sinal profundamente desvalorizador usado para excluir indivíduos ou grupos que apresentam características divergentes das normas sociais.

Nesse sentido, o personagem passa a se perceber como “contaminado” não apenas biologicamente, mas também moralmente, internalizando o olhar do outro e experienciando sentimentos de vergonha e isolamento que reforçam o estigma social em torno do HIV. Ainda sob a perspectiva do personagem Ian, o romance também inicia uma desconstrução de estigmas sobre a comunidade LGBTQ+ ao descrever o cenário inicial, que se trata de um centro de tratamento médico:

O centro de tratamento está abarrotado de gente andando em todas as direções: à esquerda uma criança corre em círculos enquanto a mãe cansada tenta acalmá-la; mais ao lado, um senhor de uns 70 anos balança para a frente e para trás, sustentado por uma bengala enquanto recusa qualquer tentativa de cortesia para que se sente; um pouco mais adiante, a porta de uma das salas de consulta está entreaberta e a médica olha para um prontuário, procurando por alguma informação enquanto uma mulher à frente dela espera, ansiosa. Do lado direito, um garoto alto com uma mecha de cabelo azul olha para o celular, balançando a perna em um movimento tão nervoso quanto o meu, e é impossível não notar que olha para o aparelho, mas não presta a mínima atenção naquilo (Rocha, 2018, p. 7).

A forma como Lucas Rocha constrói o ambiente do centro de tratamento dialoga com a concepção de espaço literário como dimensão simbólica e existencial. Gaston Bachelard (2008)

argumenta que os espaços narrativos não são meros cenários, mas dispositivos carregados de afetos, memórias e tensões que moldam a experiência humana dentro da obra, funcionando como “espaços vívidos”.

A descrição do ambiente hospitalar feita por Rocha se aproxima dessa perspectiva ao revelar não apenas a materialidade do lugar, mas a densidade emocional que ali circula entre os corpos e histórias que o habitam. Além disso, a multiplicidade de sujeitos apresentada pode ser compreendida à luz do que Candido (2014) discute sobre a complexidade das personagens de ficção: para ele, a literatura torna visível a pluralidade humana ao representar indivíduos com trajetórias, comportamentos e afetos singulares, permitindo que o texto funcione como um microcosmo social.

Complementarmente, Ana Cristina Lopes e Carlos Reis (2011) destacam que, na narrativa, o espaço desempenha funções estruturais que ultrapassam a ambientação, influenciando relações, conflitos e modos de percepção do mundo narrado. Assim, a descrição do centro de tratamento apresentada na obra, não apenas acolhe pessoas, mas organiza sentidos, afetos e tensões que emergem do encontro entre diferentes corpos e modos de viver com a doença.

A narrativa mostra diversos perfis, revelando que a experiência com o vírus atravessa diferentes faixas etárias, gêneros e contextos sociais. Essa pluralidade acentua que o HIV não está restrito a um único perfil, desconstruindo estereótipos e destacando a complexidade das vivências individuais. Ao mesmo tempo, a descrição permite compreender como o estigma social se manifesta de maneiras diversas, influenciando a maneira como cada pessoa lida com a soropositividade e com o olhar do outro, reforçando a necessidade de empatia, acolhimento e compreensão das múltiplas dimensões afetivas e sociais que atravessam a vida de quem vive com HIV.

Um dos discursos mais importantes da história do personagem Ian é o dilema ético e emocional enfrentado por pessoas que se veem diante da possibilidade de um diagnóstico de HIV: ser sincero sobre sua sexualidade ou esconder-se para evitar o julgamento moral. Esse conflito revela o peso das normas sociais e das expectativas impostas aos corpos dissidentes, que frequentemente associam a sexualidade à culpa e ao silêncio. A tensão não está apenas na doença, mas principalmente na reação social que ela provoca, marcada pelo medo da rejeição, do estigma e da exclusão:

É uma boa pergunta. Posso falar a verdade sobre a minha vida sexual e as duas vezes em que acabei deixando a camisinha de lado porque pensei que seria só daquela vez; ou posso mentir, e dizer que fiz uma tatuagem com um *hippie* e que a agulha utilizada tinha mais ferrugem do que um pedaço de ferro colocado à beira-mar. Qualquer que seja a minha resposta, tudo o que não quero é ter que encarar o julgamento dela. (Rocha, 2018, p. 9)

A oposição entre “falar a verdade” e “mentir” explicita a força do estigma moral associado ao HIV, construído historicamente desde os anos 1980, quando o vírus foi relacionado a comportamentos considerados desviantes, sobretudo práticas sexuais não normativas. Essa marca social faz com que o personagem sinta a necessidade de proteger sua imagem, mesmo em um ambiente que deveria ser acolhedor, como o médico.

De acordo com Goffman (1988), o estigma surge quando o indivíduo é reduzido a uma característica que o desacredita perante os outros. Nesse caso, a simples possibilidade de ter se exposto ao HIV o torna, aos olhos da sociedade, um sujeito “culpado”. O medo do julgamento da profissional de saúde simboliza, portanto, o medo do olhar social, o olhar que moraliza o corpo e a sexualidade.

Na ocasião em que recebe o diagnóstico positivo para HIV, Ian se insere, ainda que de forma inconsciente, em um processo de autoestigmatização. Tal movimento manifesta-se quando ele sente a necessidade de justificar a razão que o levou a realizar o exame, especialmente diante da pergunta formulada pela profissional de saúde que o acompanha: “Por que você decidiu fazer o teste, Ian?” (Rocha, 2018, p. 9). “É preciso ter motivo para querer saber sua sorologia? Sempre que vejo uma propaganda sobre isso, ela diz que é importante saber o seu *status*, independentemente do seu estilo de vida ou do que você faz nas horas vagas” (Rocha, 2018, p. 9).

A primeira pergunta feita pelo narrador demonstra o conflito entre o discurso da saúde pública e a prática social. Embora campanhas oficiais incentivem o teste de HIV como ato de cuidado universal, a psicóloga o transforma em ato suspeito, exigindo justificativa. Essa contradição reflete o que Parker e Aggleton (2003) chamam de estigma institucional, quando o preconceito se reproduz dentro das próprias estruturas de cuidado.

Em contrapartida, quando a profissional diz “*as pessoas não morrem mais disso*”, no excerto destacado a seguir, ela tenta confortar, mas o efeito é o oposto: o discurso se torna técnico, desumanizado. Ian não quer apenas informação, ele quer reconhecimento e acolhimento: “Olha, as pessoas não morrem mais disso. Se você fizer o tratamento corretamente, pode ter uma vida tão normal quanto a de qualquer outra pessoa” (Rocha, 2018, p. 12).

Ao longo da narrativa, o leitor acompanha o percurso de Ian em sua jornada de compreensão, elaboração e aceitação do diagnóstico de HIV, processo marcado por tensões subjetivas e pela reconfiguração de sua identidade sorológica. Essa trajetória é construída por meio das interações que estabelece com seu círculo familiar, social e afetivo, as quais evidenciam tanto os desafios emocionais quanto os mecanismos de enfrentamento mobilizados pelo personagem. Tal dinâmica pode ser observada de modo particularmente expressivo no seguinte trecho:

Penso se seria ou não uma boa ideia contar sobre meu diagnóstico para minha mãe. Quero dizer, nós temos uma relação saudável, apesar de não sermos confidentes. Ela é muito mais aberta ao diálogo do que o meu pai, por exemplo, que não aceita muito bem eu ser *gay* e prefere acreditar que é uma questão de tempo até eu ter uma namorada, e que a qualquer momento entrarei porta adentro com uma garota que será a mãe dos netos dele. (Rocha, 2018, p. 36)

Neste trecho, Ian reflete sobre o dilema da revelação familiar, destacando a complexidade das relações afetivas e sociais na vida de pessoas que vivem com HIV. A escolha de revelar ou não o diagnóstico envolve avaliações sobre confiança, empatia e possíveis repercussões emocionais, especialmente em contextos de preconceito ou falta de aceitação quanto à orientação sexual.

O contraste entre mãe e pai é um exemplo de como se manifestam algumas dinâmicas familiares heterogêneas em relação à sexualidade e ao HIV. Segundo Parker e Aggleton (2003), o estigma não se restringe ao ambiente social amplo, mas penetra no núcleo familiar, influenciando comportamentos, comunicação e decisões sobre confidencialidade. Ian percebe a mãe como um potencial suporte emocional, enquanto antecipa resistência ou julgamento por parte do pai, revelando a interseção entre orientação sexual e estigma do HIV.

O trecho destaca também um momento de intensa reflexão subjetiva do narrador, que se vê dividido entre o desejo de compartilhar seu diagnóstico e o receio das possíveis reações familiares. A tensão presente na hesitação de Ian revela a complexidade das dinâmicas afetivas envolvidas no processo de comunicar uma condição estigmatizada, especialmente quando atravessada por marcadores identitários como a orientação sexual. A relação “saudável, porém, não confidente” com a mãe e a postura negacionista do pai em relação à homossexualidade do filho constroem um cenário de ambivalência emocional que condiciona as estratégias discursivas e comportamentais do personagem.

Do ponto de vista literário, a hesitação de Ian funciona como um dispositivo narrativo que encena, no plano da subjetividade, o que Goffman (1988) denomina de gerenciamento de

informação socialmente sensível. Para o autor, indivíduos que portam um atributo potencialmente estigmatizado desenvolvem mecanismos para controlar o modo como são percebidos, especialmente quando existe o risco de desaprovação ou ruptura de vínculos. Como afirma Goffman (1988, p. 57), “o indivíduo estigmatizado precisa decidir quando, como e para quem revelar aspectos de sua identidade que possam suscitar reações negativas”. A reflexão de Ian sobre contar ou não seu diagnóstico à mãe exemplifica, na narrativa, esse processo de avaliação cuidadosa, em que a revelação da sorologia se entrelaça com o temor de reforçar preconceitos já existentes, neste caso, associados à sua orientação sexual.

Assim, a cena não apenas expõe a vulnerabilidade do personagem diante do HIV, mas também revela como a literatura é capaz de dramatizar os conflitos internos que emergem da interseção entre identidade, afeto e estigma. A tomada de decisão de Ian adquire, portanto, um caráter duplamente simbólico: implica enfrentar a doença e, simultaneamente, enfrentar o olhar do outro.

4.3 Henrique: memória, maturidade e o papel do mentor

Henrique representa a voz da experiência e da resistência. Ele é o personagem que há mais tempo convive com o HIV e cuja trajetória serve de orientação para os mais jovens: “— Sei como é. — Quem me vê pode pensar que sou o “guru do HIV” que já superou todos esses medos, mas eles ainda estão aqui, escondidos em algum lugar. Só que Ian não precisa saber disso”. (Rocha, 2018, p. 67). Diferentemente de Ian, que inicialmente percebe o vírus como um fardo e uma ameaça à própria estabilidade emocional, Henrique o encara com maior serenidade e consciência, resultado de um processo de amadurecimento subjetivo diante do diagnóstico. Sua postura revela não apenas a assimilação da condição sorológica, mas também um esforço ético de proteção do outro, evidenciando como o personagem já começa a ressignificar o HIV para além do medo e do estigma:

A gente acha que é um tipo bizarro de super-herói, e que as histórias que ouvimos por aí não existem. Como se o HIV fosse um grande delírio coletivo que só acontece com as pessoas nos filmes tristes que concorrem ao Oscar — complemento. — Mas a questão não é ficar se culpando. A gente só se culpa durante algum tempo. Eu sei que é tudo muito recente para você, Ian, mas esse sentimento vai embora em algum momento, ou pelo menos damos um jeito de deixá-lo quietinho em um canto da mente. Porque, no fim das contas, não é questão de culpa. (Rocha, 2018, p. 68)

A narrativa de *Você tem a vida inteira* estrutura-se a partir de dicotomias que funcionam como eixos organizadores do enredo e da construção das personagens. A oposição entre Ian e

Henrique constitui um dos principais mecanismos literários da obra, uma vez que ambos representam modos distintos de experienciar o HIV. Ian encarna o impacto inicial do diagnóstico, marcado pelo medo, pela desorientação e pela internalização do estigma, enquanto Henrique simboliza a convivência prolongada com o vírus, atravessada por processos de ressignificação, resistência e elaboração emocional. Essa relação não se estabelece de forma maniqueísta, mas como um jogo de contrastes que intensifica o conflito e amplia a complexidade da narrativa.

Do ponto de vista teórico, essa construção pode ser compreendida à luz do pensamento de Candido (2014), para quem os personagens não devem ser analisados isoladamente, mas em suas relações estruturais dentro do enredo. Segundo o autor, “a personagem vive em função do conflito, e é na oposição com outras personagens ou com o meio que se revelam seus traços mais profundos” (Candido, 2014, p. 75). Assim, a dicotomia entre Ian e Henrique permite que o leitor acompanhe diferentes estágios da vivência sorológica, revelando que o HIV não produz uma experiência homogênea, mas múltiplas formas de subjetivação, conduzidas pelo tempo, pela memória e pelas relações sociais.

Essa oposição se articula diretamente aos pontos de tensão que estruturam o enredo. Conforme destaca Tzvetan Todorov (2006, p. 39), “toda narrativa se constrói a partir de um estado de equilíbrio que é rompido por um acontecimento, gerando uma crise que exige transformação”. No romance de Lucas Rocha, o diagnóstico de HIV funciona como esse acontecimento disruptivo, responsável por romper a estabilidade inicial da vida de Ian e colocá-lo em um percurso de conflito interno e social. O vírus, portanto, não é apenas um tema, mas um dispositivo narrativo que impulsiona o movimento da história.

Na trajetória de Henrique, por sua vez, a tensão não se localiza no momento da descoberta, mas na permanência do HIV como elemento que cruza o cotidiano, os afetos e a autoimagem. Ao afirmar que “não tem um dia que não me lembre do vírus” (Rocha, 2018, p. 68), o personagem evidencia que o conflito não se encerra com a adesão ao tratamento, mas se reinscreve continuamente nas relações sociais. Essa afirmação do personagem dialoga com a noção de tensão contínua no enredo, uma vez que, como observa Mikhail Bakhtin (2013, p. 122), “o conflito não se resolve plenamente, mas permanece como força ativa que organiza a experiência narrativa”.

Além das tensões individuais, o romance incorpora conflitos de ordem social, como o preconceito, a homofobia e a moralização da sexualidade. Esses elementos produzem sucessivos pontos de virada na narrativa, especialmente nas cenas de revelação da sorologia e nas relações sorodiferentes. Nesse sentido, o HIV atua como catalisador de crises éticas e

afetivas, colocando os personagens diante da necessidade de negociar silêncios, medos e expectativas sociais. Como afirma Goffman (1988, p. 13), “o estigma não reside apenas no atributo, mas na relação entre o atributo e o estereótipo”, o que explica por que grande parte do sofrimento narrado decorre menos do vírus em si e mais das reações sociais que ele provoca.

A presença de Victor amplia ainda mais a lógica dicotômica da obra, ao funcionar como contraponto externo à vivência de Henrique. Enquanto este fala a partir da experiência concreta de viver com HIV, Victor representa o sujeito constituído por discursos sociais, desinformação e medo. A tensão entre ambos evidencia o choque entre ciência e imaginário social, entre evidência biomédica e preconceito historicamente construído. Essa oposição confirma o que Candido (2004, p. 182) aponta ao afirmar que “o conflito entre personagens é uma das formas mais eficazes de revelar contradições sociais profundas”.

Desse modo, *Você tem a vida inteira* se enreda a partir de uma rede de dicotomias e pontos de tensão que articulam o individual e o coletivo, o íntimo e o social, a crise e a resistência. O HIV, longe de ser apenas um tema, funciona como eixo estruturador da narrativa, gerando rupturas, deslocamentos e transformações. A literatura converte, assim, a tensão em potência estética e crítica, permitindo ao leitor uma compreensão mais complexa e humanizada das experiências representadas.

Nos diálogos entre Henrique e Ian, Lucas Rocha constrói um retrato literário de grande sensibilidade sobre o que significa viver com HIV em uma sociedade que ainda reproduz estigmas. O autor propõe um diálogo entre duas etapas da vivência sorológica: o medo inicial de Ian e a maturidade dolorida de Henrique, que representa o aprendizado de viver com o vírus sem deixar que ele defina toda a existência.

A fala de Henrique – *Mas a questão não é ficar se culpando. A gente só se culpa durante algum tempo* – revela que o maior conflito não é físico, mas simbólico e emocional. O vírus se torna um elemento que habita o imaginário e reconfigura o modo de ser. Nesse sentido, a narrativa ecoa o pensamento de Foucault (2003, p. 146), para quem “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo, investe-o, marca-o, dirige-o”, evidenciando que o HIV, mais do que uma condição médica, funciona como uma categoria social atravessada por discursos que regulam comportamentos, sexualidades e identidades.

A narrativa de *Você tem a vida inteira* estrutura-se a partir destes contrastes, que funcionam como motores de tensão e desenvolvimento dos personagens, especialmente no que diz respeito à experiência com o HIV.

Esse contraste pode ser interpretado à luz do que Candido (2014) denomina de “personagens-tensão”, cuja função é estruturar conflitos internos e externos que dinamizam o

enredo. Para o autor, a narrativa organiza-se em torno de oposições que permitem revelar dimensões psicológicas, sociais e simbólicas dos personagens, fazendo com que cada um deles funcione como contraponto do outro. Nesse sentido, Ian e Henrique compõem um sistema dicotômico que não apenas sustenta o ritmo da história, mas também evidencia diferentes modos de lidar com o estigma, a identidade e a revelação do diagnóstico.

Além disso, é importante lembrar que todo enredo literário se constrói por meio de elementos de tensão, conforme discute Todorov (2006) em sua teoria do narrar, ao afirmar que a narrativa se movimenta por rupturas, crises e desequilíbrios que provocam transformações nos personagens. O HIV, na obra, funciona como um desses núcleos de tensão: é o ponto de virada que desloca Ian de uma zona de aparente estabilidade para um estado de confronto com sua própria identidade, sua família e suas relações afetivas. Ao mesmo tempo, a convivência de Henrique com o vírus há muitos anos revela outra dimensão dessa tensão, não apenas a crise inicial, mas o processo de elaboração, resistência e autoconsciência que se desenvolve a longo prazo:

Com o tempo, você nem lembra mais que tem esse vírus, porque você vira indetectável e as suas chances de transmitir o vírus são nulas, e os efeitos colaterais dos remédios melhoram e você toma o seu comprimido automaticamente. Como se fosse um remédio para pressão alta. Como se fosse um remédio para diabetes. — Dou uma risada seca. — Mas é mentira, pelo menos para mim. Não tem um dia que não me lembre do vírus, e não passa um dia sem que eu me preocupe por não ser mais exatamente como as outras pessoas (Rocha, 2018, p. 68).

Assim, Henrique representa a voz da experiência e da resistência, servindo como referência para os mais jovens, enquanto Ian simboliza o impacto da descoberta e o processo de reorganização emocional que se segue ao diagnóstico. A tensão entre esses dois polos, o recém-diagnosticado e o que já aprendeu a habitar sua identidade sorológica, permite que a narrativa explore, em profundidade, os diferentes significados sociais, afetivos e simbólicos da vida com HIV.

A trajetória de Henrique no romance constitui uma construção sensível ao abordar, por meio de uma voz intimista e crítica, as camadas emocionais, afetivas e sociais que envolvem a vida de uma pessoa vivendo com HIV. Longe de reconstruir narrativas trágicas associadas aos primórdios da epidemia, o autor propõe uma escrita que articula informação científica, memória afetiva, humor e crítica social, evidenciando como o vírus atravessa o corpo, mas também o imaginário, as relações e os modos de existir.

Desde suas primeiras aparições, Henrique surge como um narrador marcado pela necessidade de administrar o medo alheio e o seu próprio. A revelação de sua sorologia a um

possível parceiro – o personagem Victor – demonstra o quanto a gestão das emoções do outro se torna parte de sua identidade cotidiana: “Sou soropositivo. Eu me cuido e tomo os remédios, então estou indetectável” (Rocha, 2018, p. 24). A preocupação em “não assustar” salienta o peso do estigma, conceito fundamental desenvolvido por Goffman (1988), segundo o qual determinadas condições produzem uma identidade deteriorada, exigindo constante negociação social. O HIV, nesse contexto, não é apenas um vírus, mas um marcador social que reorganiza a forma como o sujeito espera ser visto, desejado e acolhido.

A metáfora apresentada em seguida, sintetiza a dimensão simbólica que envolve o diagnóstico: “Tem gente que chama o HIV de vírus do amor, porque parece uma barreira intransponível” (Rocha, 2018, p. 25). O vírus atua como limite, como fronteira que pode interromper ou tensionar afetos. Sontag (1989) já havia observado que doenças como a AIDS foram recobertas de significados morais que ultrapassam a dimensão médica. Rocha mobiliza essa tradição discursiva de modo literário, transformando o HIV em figura poética que condensa tanto o medo quanto a necessidade de cuidado e responsabilidade afetiva.

O humor, elemento recorrente nos diálogos de Henrique, também opera como mecanismo de resistência. As brincadeiras com o amigo Eric acerca do uso de aplicativos de relacionamento revelam tanto a leveza quanto a autocrítica presentes na sociabilidade *gay*: “Você não está checando o aplicativo de novo, está, sua vagabunda? [...] Se você saísse dos aplicativos e começasse a procurar pessoas na vida real, tenho certeza de que se frustraria bem menos” (Rocha, 2018, p. 25). Bakhtin (2013) lembra que o riso é uma forma de desmontar hierarquias e normas, e, na obra de Rocha, essa estratégia contribui para deslocar o HIV do campo da tragédia para o da vida comum, permeada por erros, afetos e busca por pertencimento.

A relação entre Henrique e Eric constitui um núcleo central da narrativa e permite observar como a literatura pode representar novas formas de parentesco e de comunidade LGBTQ+. A convivência no “pequeno apartamento na Lapa” (Rocha, 2018, p. 60) emerge como contraespaço à rejeição familiar que ambos sofreram: Henrique por ser *gay*, Eric por ser *drag queen*. Louro (2003) destaca que identidades de gênero e sexualidade são construídas nas relações e atravessadas por discursos sociais que regulam comportamentos e expectativas. Em Rocha, o lar compartilhado pelos dois personagens funciona como lugar de reexistência, onde subjetividades dissidentes encontram acolhimento e possibilidades de reconstrução após rupturas familiares.

A arte *drag*, encarnada na figura de Eric como Bibi Montenegro, introduz na narrativa a performatividade *queer* discutida por Judith Butler (2004): gênero como prática reiterada e criativa. A performance *drag* torna-se forma de expressão estética e política, elaborando beleza

a partir do que o mundo chama de desvio. A presença de outras *drags* como as personagens Mad Madonna, Kara Parker e Nicolle Lopez, e a afirmação coletiva “Um brinde a sermos quem somos, com todos os nossos defeitos e crises!” (Rocha, 2018, p. 143) reforçam que a boate, a noite e a performance são territórios de resistência simbólica, onde corpos LGBTQ+ podem existir com plenitude, escapando momentaneamente das normas sociais heterocisnormativas.

A narrativa de Henrique também dá forma literária ao percurso emocional das pessoas que recebem o diagnóstico de HIV. O movimento que vai da negação à aceitação é explicitado quando ele relata ter repetido exames em diferentes laboratórios, acreditando que todos estavam errados:

No começo, eu tinha essa ideia fixa de que o centro de tratamento tinha feito merda com meu sangue e que o reagente estava estragado. — Rio ao me lembrar de como aquela válvula de escape pareceu a mais fácil na época. Coço a bochecha e sinto a barba por fazer espetar as pontas dos meus dedos. — Então refiz o teste em um laboratório particular, e ele também deu positivo. Aí comecei a pensar que o laboratório particular também estava errado, e fui a um outro e repeti o exame. Quando percebi que aquilo não era uma piada de mau gosto ou um erro coletivo, comecei a pensar no que deveria fazer. Li muito sobre a história do vírus e decidi que não me cuidar seria idiotice, então comecei o tratamento (Rocha, 2018, p. 70).

Tal atitude remete diretamente às fases de luto descritas por Elisabeth Kübler-Ross (1996), particularmente a negação como defesa psíquica diante do insuportável. A obra de Rocha humaniza esse processo ao aproximar o leitor da turbulência emocional de Henrique: os pesadelos causados pelos remédios, os surtos de humor, o medo da rejeição e a culpa injustificada.

Em diversos momentos, o personagem revela como o impacto psicológico do HIV persiste mesmo após anos de tratamento. Ao afirmar que “não tem um dia que não me lembre do vírus” (Rocha, 2018, p. 68), ele expressa aquilo que Cathy Caruth (1996) chama de memória traumática, uma lembrança que insiste, retorna e molda o presente. Mais do que o risco biológico, é o medo social, o olhar do outro, o silêncio após a “Grande Revelação” (Rocha, 2018, p. 71), que se torna fonte de sofrimento. A obra captura esse dilema quando Henrique admite sentir que “tem uma dívida sentimental com os outros” (Rocha, 2018, p. 148), como se sua condição exigisse compensações constantes, reforçando o estigma internalizado.

A força literária do romance reside justamente em sua capacidade de apresentar o HIV como experiência subjetiva, coletiva e política. Quando Henrique afirma que “o HIV também faz isso comigo [...] me faz acreditar que o amor do outro é por piedade” (Rocha, 2018, p. 113), ele revela o quanto o estigma internalizado reorganiza a percepção emocional e dificulta a construção de relações de reciprocidade. A obra, porém, desloca essa sensação ao mostrar cenas

de afeto autêntico, como quando Victor se surpreende com a naturalidade com que Henrique toma sua medicação — “Faço isso todos os dias nessa hora há três anos, Victor. É rotina” (Rocha, 2018, p. 168) —, humanizando o tratamento antirretroviral e reafirmando o princípio I=I (indetectável = intransmissível).

Quando Henrique expressa exaustão, o texto revela um grito político contra o fardo emocional imposto pela soropositividade em uma sociedade que ainda reitera preconceitos. Essa explosão verbal marca um limite e abre espaço para reconstrução de si:

Estou cansado de ter que ser a pessoa que precisa sempre oferecer mais do que o outro está disposto a dar. Cansado de colocar o HIV como protagonista das minhas relações e de achar que tenho uma dívida sentimental com os outros. Que se foda todo mundo! (Rocha, 2028, p. 148)

Através da subjetividade de Henrique, Rocha desestabiliza narrativas históricas de morte e tragédia, substituindo-as por experiências de afeto, cuidado, humor e resistência. A literatura, aqui, cumpre o papel indicado por Candido (2004, p. 249): “A literatura é um fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, porque atua na formação da personalidade, desenvolvendo a reflexão, a sensibilidade, a imaginação, o senso crítico, a capacidade de compreender o outro e a complexidade da vida social”.

Ao final, o romance reafirma que, embora o HIV ainda seja cercado por estigmas, é possível construir redes de apoio, afetos sólidos e formas de existir que celebrem a diversidade, a coragem e a vida.

4.4 Victor: o amor como ato político

A construção narrativa do personagem Victor no romance *Você tem a vida inteira* é marcada por um percurso de medo, desconhecimento e materialização do estigma em sua forma mais primária. Ao contrário de Henrique, cuja vivência com o HIV é atravessada pela experiência concreta do tratamento e da sorologia, Victor representa a figura do sujeito que não vive com o vírus, mas que carrega imaginários coletivos, preconceitos socialmente sedimentados e temores moralizantes construídos ao longo da história da epidemia.

Essa oposição entre as experiências dos personagens evidencia como a falta de informação e o distanciamento da realidade da doença reforçam discursos estigmatizantes. Em um dos trechos centrais, o personagem expressa sua incompreensão e desinformação ao dizer:

Ele me disse na mensagem que era um negócio chamado “indetectável”, eu acho, e pesquisei um pouco sobre isso. Pelo que vi, quer dizer que ele faz o tratamento e não transmite o vírus. Mas eu ainda posso ter pegado isso dele, não posso? Tipo, ele tinha a obrigação de me dizer que estava doente antes que eu fosse para a cama com ele. (Rocha, 2018, p. 15)

A estrutura linguística fragmentária, marcada por hesitação e generalizações precipitadas, evidencia que Victor não opera em um campo de conhecimento biomédico, mas em um campo simbólico, termo que Parker e Aggleton (2003, p. 16) descrevem como “o espaço onde o HIV funciona como metáfora moral, não como fato biomédico”.

A frase “tinha obrigação de me avisar” explicita a moralização da condição sorológica. Sontag (1989, p. 59) explica que, nos processos sociais de estigmatização, “o doente passa a ser percebido como alguém que falhou moralmente; a doença torna-se metáfora de culpa, punição e caráter”. No romance, essa lógica emerge antes mesmo de qualquer exame: Victor transforma o diagnóstico do outro em imputação, projetando sobre Henrique a culpa imaginada por um risco que, na prática clínica, não se aplica a pessoas indetectáveis.

A reação da profissional de saúde confronta o discurso moral de Victor por meio da linguagem técnica e ética: “E ele não está doente, só é portador do vírus. A única obrigação dele era a de usar preservativo, e ele usou. A maior parte dos soropositivos que conheço diz que não é muito fácil se abrir sobre um assunto como este para alguém.” (Rocha, 2018, p. 16). Essa fala da personagem tem força narrativa porque opera, como afirma Louro (2003, p. 25), sobre o “poder performativo das palavras na produção de identidades e preconceitos”.

Ao corrigir “doente” para “portador”, o romance expõe que a linguagem cotidiana é uma das principais vias de reprodução do estigma. Importante contextualizar que, de acordo com o Guia de Terminologia do UNAIDS, lançado em 2017, o termo ‘portador do vírus da AIDS’ ou ‘portador do HIV’ é incorreto, estigmatizante e ofensivo para muitas pessoas vivendo com HIV. Como substituição, recomenda-se o uso de ‘pessoa vivendo com HIV’.³

Rocha inscreve no corpo de Victor um sofrimento que não deriva de fatos, afinal, o personagem sequer tem diagnóstico, mas da sobreposição de discursos sociais acumulados. O HIV, em sua imaginação, já é sentença, já é ruína, já é vergonha. A vergonha, aliás, é um elemento estruturante da subjetividade de Victor. Quando afirma: “O que essa mulher acha que eu sou? Uma vagabunda?” (Rocha, 2018, p. 16), o personagem projeta um julgamento externo inexistente. A própria palavra “vagabunda” carrega um peso de gênero que remete à análise de

³ Extraído do *link* do *site*: <https://unaid.org.br/terminologia/>
Acesso em: 25 novembro 2025.

Butler (2004, p. 42) sobre normas sociais que policiam corpos, sexualidades e condutas, de modo que “a vergonha opera como dispositivo que organiza as expectativas sociais sobre o comportamento sexual aceitável”. Victor internaliza esse dispositivo, antecipando julgamentos e assumindo, antes que alguém o acuse, a posição de alguém culpado.

Goffman (1988, p. 14) oferece uma chave interpretativa fundamental ao afirmar que: “O estigma não precisa estar presente. Basta a possibilidade de sua atribuição para que o indivíduo reestruture sua identidade como se a marca já estivesse inscrita em si”. A experiência de Victor é exemplar: ele não vive com o HIV, mas já vivencia todos os efeitos emocionais atribuídos socialmente ao vírus, como o medo extremo, culpa, sensação de perda do valor pessoal, pavor de exclusão.

À medida que a narrativa avança, Victor começa a pesquisar sobre o HIV, mas o faz por métodos virtuais e anônimos. O gesto é simbólico: a busca do conhecimento continua envergonhada, clandestina. Luis David Castiel e Paulo Roberto Vasconcellos-Silva (2010) observam que a *internet*, no campo da saúde, funciona simultaneamente como espaço de informação e de ansiedade, pois produz tanto esclarecimento quanto pânico, dependendo da trajetória afetiva do usuário. Em Victor, prevalece o pânico: ele lê casos extremos, ignora fontes confiáveis e confirma seus próprios medos.

A tensão entre medo e preconceito surge explicitamente quando sua amiga pergunta: “Isso não é preconceito?” e Victor responde: “Não. Só estou me resguardando.” (Rocha, 2018, p. 48). O deslocamento semântico é um dos mecanismos mais comuns do estigma, como demonstram Parker e Aggleton (2003, p. 20), ao explicar que “o preconceito persiste ao se disfarçar de racionalidade, de cuidado, de autopreservação”. A obra dramatiza esse mecanismo: Victor acredita estar se protegendo, mas, na verdade, reitera uma lógica de culpabilização e distanciamento.

Rocha, porém, não fixa o personagem na ignorância. Em determinado trecho, Victor reconhece: “Pesquisei um pouco antes de vir fazer o teste, e vi relatos de um monte de gente que vive com o HIV e tem uma vida normal. Vai ficar tudo bem.” (Rocha, 2018, p. 20). Essa admissão indica movimento, um deslocamento de um imaginário terminal para um imaginário da convivência. O romance acompanha essa curva de aprendizagem de modo gradual e realista, refletindo o processo social de atualização do discurso público sobre HIV, especialmente após a internacionalização da campanha I=I (Indetectável = Intransmissível), descrita em pesquisas por Cohen et al. (2016, p. 203) como “marco na saúde pública contemporânea, capaz de transformar a percepção da sorologia no âmbito das relações afetivo-sexuais”.

O ápice da virada discursiva está na frase: “HIV não é doença, seu ignorante.” (Rocha, 2018, p. 103). Aqui, Victor ouve de sua amiga, Sandra, aquilo que recusava. A força estética da fala reside na inversão de papéis discursivos: Sandra assume a posição de agente de desconstrução do estigma, promovendo um deslocamento no modo como o protagonista passa a significar suas concepções. Essa mudança não elimina seus medos, mas evidencia que a narrativa opera na chave da educação afetiva, dimensão essencial defendida por Paulo Freire (1996, p. 47), para quem “toda transformação começa na mudança da palavra que usamos para dizer o mundo”.

Além disso, o romance incorpora na narrativa de Victor aspectos históricos da epidemia, evocando o período em que o HIV foi associado à comunidade LGBTQ+ de forma discriminatória. Victor ouve uma fala de um colega de faculdade, que relata sobre um filme ao qual assistiu:

[...] tem esse cara que é dançarino e todo mundo pensa que é soropositivo. — Ouço uma das meninas da galera falar com um garoto, e minha atenção ao celular é substituída pela conversa ao ouvir a palavra, como se algum sistema de alerta soasse dentro de mim. — Aí ninguém quer dançar com ele, tem medo de se contaminar pelo suor e tal. Se passa em São Francisco, nos anos 1980. (Rocha, 2018, p. 131)

Gregory Herek e John Capitano (1999) explicam que a homofobia e o estigma da AIDS foram historicamente co-produzidos, reforçando-se mutuamente e produzindo sofrimento social contínuo. Ao recuperar esses ecos históricos, a narrativa revela que o preconceito não é expressão individual, mas memória coletiva. O romance também aborda as relações sorodiferentes com base em evidências científicas: “O Henrique se cuida, as informações estão aí e todas dizem que um relacionamento sorodiferente pode ser tão saudável quanto o de dois soronegativos, se todas as precauções forem tomadas.” (Rocha, 2018, p. 104).

Essa afirmação se alinha aos estudos de Rodger et al. (2019), que demonstraram ausência de transmissão em casais sorodiferentes quando a pessoa que vivem com HIV é indetectável. Mais do que transmitir dados, a narrativa faz da ciência uma ferramenta de desestigmatização, convertendo evidência biomédica em transformação emocional.

A dimensão empática culmina na frase: “Eu só queria abraçar aquele desconhecido e dizer que vai ser difícil, mas tudo pode dar certo.” (Rocha, 2018, p. 21). O gesto representa uma abertura afetiva que Candido (2004) identifica como função humanizadora da literatura, de que ela confere forma sensível a experiências alheias, ampliando nossa capacidade de compreender o outro e de reconhecer a complexidade do sofrimento humano. É nessa chave que o arco de

Victor se inscreve. Ele não é modelo de comportamento, mas espelho de um processo social: a oscilação entre ignorância e aprendizado, entre medo e empatia, entre estigma e cuidado.

Assim, a narrativa de Victor revela um imaginário social ainda em disputa: o HIV permanece como marcador simbólico de medo e julgamento, mesmo diante de avanços médicos expressivos. A literatura de Lucas Rocha oferece, com a representação deste personagem, um espaço de reelaboração, no qual o leitor acompanha a reconstrução gradativa da percepção de um personagem que enfrenta seus preconceitos.

4.5 HIV, biopolítica e relações sorodiferentes: entre o controle dos corpos e o afeto

Embora apresente algumas informações datadas, o romance também aborda dimensões políticas do HIV. Ao mencionar que “a Nova Zelândia tem restrições para que soropositivos de outros países morem lá” (Rocha, 2018, p. 78), a narrativa desloca o debate para o campo da biopolítica, mostrando como Estados controlam a mobilidade e a cidadania de corpos considerados de risco. É importante salientar que, de acordo com o UNAIDS (2021), a Nova Zelândia eliminou todas as restrições de viagem para pessoas vivendo com HIV.

A recente decisão da Imigração da Nova Zelândia de remover o HIV da lista de condições médicas consideradas passíveis de impor custos ou exigências significativas aos serviços de saúde da Nova Zelândia significa que a proibição geral para pessoas vivendo com HIV de obter um visto de residente foi oficialmente removida. Foucault (2003) já havia indicado que saúde, sexualidade e controle populacional caminham juntos na modernidade; Rocha incorpora esse debate ao evidenciar como o HIV restringe não apenas afetos, mas oportunidades e futuros possíveis.

Outro ponto de grande relevância é a forma como o livro apresenta relações sorodiferentes, que são aquelas em que um dos parceiros vive com HIV e o outro não. O medo de rejeição convive com a esperança de aceitação, evidenciando o papel da comunicação, da informação e da confiança: “Porque ele não me mandou mais mensagens. Porque ficou assustado e deve estar pensando que viver com um soropositivo é muito complicado.” (Rocha, 2018, p. 114). Estudos como o PARTNER (Rodger et al., 2019) e pesquisas de Cohen et al. (2016) já demonstraram que pessoas indetectáveis não transmitem o vírus, mas a narrativa mostra que o conhecimento científico nem sempre neutraliza o estigma social.

A expressão “Indetectável = Intransmissível” (frequentemente abreviada para “U = U”, do inglês *Undetectable = Untransmittable*) tem origem em campanhas de saúde pública e estudos científicos que demonstram que pessoas com HIV, cujo vírus está suprimido a níveis

indetectáveis, não transmitem o vírus por relações sexuais. Assim, Rocha articula literatura e saúde pública para mostrar a distância entre ciência e imaginário social.

A adoção da nomenclatura *relações sorodiferentes* representa um avanço discursivo significativo, pois desloca o foco da lógica do risco e da patologização para a compreensão da diversidade das experiências relacionais, evitando expressões marcadas pelo estigma e pela culpabilização. De acordo com o UNAIDS, o uso de uma terminologia adequada é fundamental para combater preconceitos historicamente associados ao HIV, uma vez que “a linguagem molda percepções, atitudes e respostas sociais à epidemia” (UNAIDS, 2017).

No campo literário, o emprego do termo *relações sorodiferentes* possibilita analisar como a narrativa problematiza os desafios emocionais, comunicacionais e simbólicos que atravessam esse tipo de vínculo, evidenciando a tensão entre os avanços científicos no campo da saúde e os imaginários sociais ainda fortemente marcados pelo medo e pela desinformação.

Na obra, essa representação manifesta-se tanto na relação entre Henrique e Victor, marcada por conflitos afetivos e pelo receio da rejeição, quanto na aproximação entre Ian e um personagem secundário, Gustavo. Diferentemente da primeira, essa segunda relação é construída a partir de uma expectativa de acolhimento, ainda que atravessada pelo temor antecipado do estigma.

A cena evocada no epílogo do romance explicita de forma contundente esse conflito interno vivido por Ian, no qual a possibilidade da revelação do diagnóstico se associa ao medo da ruptura afetiva e da rejeição social:

E, nesse momento, me lembro de quando ficamos sozinhos pela primeira vez. Do silêncio opressor do quarto dele. Dos meus pensamentos girando na minha cabeça. Ele vai me expulsar quando eu contar, vai dizer que isso nunca vai dar certo entre a gente, vai dizer que não quer, vai mandar eu me afastar, vai me bloquear de todos os contatos e tudo o que a gente construiu vai ser completamente destruído pela presença desse vírus. (Rocha, 2018, p. 282).

No trecho citado, a narrativa explicita com grande intensidade o conflito formado pelas relações sorodiferentes, revelando como o medo da rejeição antecede qualquer reação efetiva do outro. O silêncio descrito como “opressor” funciona como metáfora do peso representacional do HIV, que se impõe sobre o encontro afetivo e reorganiza o campo das expectativas emocionais do personagem.

A sucessão de frases hipotéticas – “ele vai me expulsar”, “vai dizer que isso nunca vai dar certo”, “vai mandar eu me afastar” – constrói uma antecipação do rompimento,

evidenciando que, nas relações sorodiferentes, o estigma atua antes mesmo da revelação da sorologia.

Esse movimento dialoga diretamente com o que Goffman (1988, p. 14) descreve ao afirmar que “o estigma não precisa estar presente; basta a possibilidade de sua atribuição para que o indivíduo reestruture sua identidade como se a marca já estivesse inscrita em si”. Assim, o conflito narrativo não se ancora na experiência concreta da rejeição, mas na internalização de discursos sociais que associam o HIV ao perigo e à impossibilidade do amor.

O vírus emerge, portanto, como elemento mediador da relação não por seu potencial biológico, mas por sua carga discursiva, revelando que o maior obstáculo à construção do vínculo afetivo reside no imaginário social que cerca a soropositividade.

4.6 Do sigilo à exposição: estigma, linguagem e punição moral no romance *Você tem a vida inteira*

Outro ponto de grande relevância na narrativa de *Você tem a vida inteira* é a abordagem da divulgação de sorologia sem consentimento, prática que evidencia a persistência do estigma e da violência moral associada ao HIV. No romance, Henrique tem sua condição sorológica exposta publicamente por um ex-namorado que, ao retornar de uma viagem, age motivado por vingança e utiliza uma rede social como espaço de retaliação.

A cena desloca o conflito do âmbito íntimo para a esfera pública, revelando como a sorologia, quando retirada do controle do próprio sujeito, pode tornar-se instrumento de punição moral e humilhação social:

Isso é um alerta a todos vocês que acham que conhecem as pessoas que estão ao seu redor: VOCÊS NÃO CONHECEM! A AIDS é uma doença que mata todos os dias e ela não tem cura nem cara. O seu melhor amigo, o seu vizinho, o SEU NAMORADO pode ter AIDS e você nunca vai saber. Esse rapaz na foto, por exemplo: quem diria que por trás desse sorriso inocente se esconde UMA DOENÇA IMUNDA? Eu não sabia, mas agora sei e acho que é minha obrigação dizer isso para quem quiser ouvir: ele é um AIDÉTICO! Tomem cuidado ao encontrá-lo, porque tenho certeza de que ele passa essa DOENÇA MALDITA para todos aqueles que se relacionam com ele. Se afastem! Se cuidem! Deus ama todos vocês! (Rocha, 2018, p. 238)

O trecho constitui um dos momentos mais violentos da narrativa, pois explicita como o discurso estigmatizante sobre o HIV opera por meio da linguagem. A postagem mobiliza uma retórica alarmista e moralizante, reforçando uma visão fatalista e desinformada que associa automaticamente o diagnóstico à morte. Ao transformar o corpo de Henrique em objeto de

suspeita coletiva, o discurso produz medo e paranoia social, convertendo o sujeito que vive com HIV em ameaça difusa e invisível.

Além disso, a linguagem empregada revela um processo de desumanização explícita. A substituição do sujeito pela doença evidencia aquilo que Sontag (1989) descreve como a tendência de transformar enfermidades em metáforas morais, nas quais o doente passa a ser visto como portador de culpa e degradação. O uso de termos como “aidético” e “doença maldita” reforça uma construção discursiva que associa o HIV à impureza e ao pecado, intensificada pela apropriação de uma falsa retórica religiosa ao final da postagem – “Deus ama todos vocês!” – que legitima o ódio sob a aparência de cuidado moral.

Do ponto de vista sociológico, o trecho exemplifica o que Goffman (1988) define como estigma, entendido como um atributo que “desqualifica profundamente” o indivíduo, reduzindo-o de pessoa inteira a alguém marcado por uma identidade deteriorada. Ao afirmar que Henrique “passa essa doença maldita para todos aqueles que se relacionam com ele” (Rocha, 2018, p. 238), o discurso antecipa a condenação social e incita o isolamento – “Se afastem!” –, demonstrando como a revelação pública da sorologia funciona como mecanismo de controle, punição e exclusão.

Assim, a narrativa demonstra que a maior violência sofrida pelo personagem não é de ordem biológica, mas discursiva e social, mostrando como a linguagem pode operar como instrumento de poder capaz de produzir sofrimento, silenciamento e marginalização.

A divulgação da sorologia de Henrique pelo ex-namorado, sem seu consentimento, contrasta fortemente com as disposições da legislação brasileira contemporânea, que busca resguardar a privacidade das pessoas que vivem com HIV. Em 2022, foi sancionada a Lei nº 14.289, a qual torna obrigatória a preservação do sigilo sobre a condição de pessoas que vivem com HIV, vedando expressamente a divulgação de informações que permitam a identificação dessa condição nos mais diversos âmbitos sociais, incluindo serviços de saúde, estabelecimentos de ensino, locais de trabalho, mídias escrita e audiovisual e processos judiciais, salvo com autorização expressa da própria pessoa ou em casos previstos em lei ou por justa causa.

A norma tem o intuito de evitar constrangimentos, discriminação ou outras barreiras que possam impedir o exercício da cidadania plena por essas pessoas, cuja exposição indevida de dados sensíveis está sujeita a sanções administrativas e indenizações por danos materiais e morais, previstas na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e na própria legislação específica de sigilo (Lei nº 14.289/2022).

A violência associada ao estigma do HIV manifesta-se de forma contundente no espaço público quando o preconceito se materializa por meio da linguagem de ódio. No romance, essa dinâmica é evidenciada na cena em que Henrique percebe que alguém pichou ofensas no muro do prédio em que mora, enquanto Eric, seu amigo, tenta apagá-las antes que ele as veja:

Eric está virado para o muro, e percebo que aos seus pés está um balde com água e sabão, e ele esfrega o concreto com um escovão. Ele olha para trás e me vê, e sinto que sua expressão muda de determinada para triste em instantes, porque ele estava ali em uma tentativa de me proteger e fazer com que eu não visse as palavras que alguém tinha pichado no muro com tinta vermelha. AIDÉTICO VIADINHO SUJO IMUNDO DEPRAVADO DOENTE. (Rocha, 2018, p. 250).

A pichação reduz o personagem à doença e à sua orientação sexual, reiterando discursos sociais que associam o HIV à impureza, à promiscuidade e à degradação moral. Esse processo dialoga diretamente com o conceito de estigma formulado por Goffman (1988), para quem o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade é profundamente desacreditada, sendo reduzido a um atributo que se sobrepõe a todas as demais dimensões de sua existência.

A pichação dirigida a Henrique concentra sua violência nos termos “viadinho” e “aidético”, que operam como marcadores linguísticos de exclusão e desumanização. O uso de “viadinho”, no diminutivo pejorativo, evidencia a permanência da homofobia como prática discursiva que inferioriza o sujeito, reduzindo sua identidade a uma sexualidade considerada desviada.

Já o termo “aidético”, historicamente empregado de forma estigmatizante, fixa o personagem na doença, apagando sua condição de sujeito para transformá-lo em sinônimo do vírus. Como observa Goffman (1988, p. 12), o estigma atua quando um atributo “se impõe sobre todos os outros, reduzindo o indivíduo a uma identidade deteriorada”, exatamente o que ocorre na cena, em que Henrique deixa de ser pessoa para tornar-se rótulo.

A articulação entre “viadinho” e “aidético” não é casual, mas revela a herança advinda da associação do HIV à homossexualidade masculina, produzindo o que Parker e Aggleton (2003) definem como um estigma socialmente construído, sustentado por relações de poder e desigualdade: “o estigma não é uma simples atitude individual, mas um processo social ligado à produção de diferenças e hierarquias” (Parker; Aggleton, 2003, p. 14).

Ao unir orientação sexual e sorologia em um mesmo enunciado ofensivo, a pichação reativa discursos dos anos iniciais da epidemia, nos quais o HIV era compreendido como punição moral e sinal de desvio.

4.7 A função dos personagens secundários na construção temática da narrativa

Os personagens coadjuvantes do romance *Você tem a vida inteira* desempenham um papel central na ampliação dos sentidos da narrativa, uma vez que contribuem de maneira decisiva para a construção do universo social, afetivo e político no qual os protagonistas estão inseridos. Essas personagens atuam como mediadoras das tensões sociais que atravessam a obra, especialmente no que se refere ao HIV, ao estigma, à desinformação, às redes de apoio e às múltiplas formas de enfrentamento do preconceito. Tal função dialoga com a compreensão de que a literatura, ao representar experiências marginalizadas, possibilita a problematização de discursos sociais hegemônicos e a humanização de sujeitos historicamente estigmatizados (Candido, 2004).

No campo das relações familiares, destaca-se a personagem Vanessa, irmã do protagonista Ian, cuja trajetória evidencia o papel da educação e da empatia no enfrentamento do estigma relacionado ao HIV. Vanessa é apresentada como uma estudante do ensino médio que almeja cursar Medicina, aspecto que simboliza sua proximidade com o conhecimento científico e com práticas de cuidado fundamentadas na informação e na ética, o que é ilustrado na seguinte fala da personagem: “A professora mandou fazer uma pesquisa sobre DSTs. Eu fiquei com HIV e AIDS. Sabia que as duas coisas são diferentes?” (Rocha, 2018, p. 82).

Importante salientar que o termo Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) foi substituído por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) por reconhecer que nem toda infecção apresenta sinais ou sintomas clínicos imediatos, não configurando, portanto, uma doença. A adoção da nomenclatura IST torna a abordagem mais precisa do ponto de vista científico e contribui para a redução do estigma associado às infecções sexualmente transmissíveis.

Ao descobrir o diagnóstico de HIV do irmão, Vanessa se posiciona de forma acolhedora e solidária, oferecendo apoio emocional e reafirmando a importância do afeto familiar no processo de aceitação da soropositividade: “Você não precisa me agradecer, Ian. [...] Só quero dizer que você pode contar comigo para o que precisar, viu?” (Rocha, 2018, p. 207).

Essa postura contrasta com discursos historicamente marcados pelo medo e pela ignorância, os quais, segundo Parker e Aggleton (2003), sustentam o estigma ao associar o HIV a noções morais de culpa e desvio. Assim, a personagem de Vanessa representa a possibilidade de ruptura com essas narrativas, demonstrando que o acesso à informação e à escuta sensível pode transformar relações e reduzir os impactos do preconceito.

Ainda no âmbito das relações de amizade, o personagem Gabriel, melhor amigo de Ian, ocupa um lugar significativo na narrativa ao representar uma amizade que ultrapassa barreiras de orientação sexual e estereótipos sociais. Gabriel é heterossexual e, mesmo assim, mantém uma postura de apoio constante ao amigo após a descoberta do diagnóstico, evidenciando que o enfrentamento do estigma do HIV não deve ser atribuído exclusivamente às pessoas LGBT+: “Eu nunca olharia para você diferente, Ian. Você poderia ter uma doença que te mataria em vinte e quatro horas e fosse altamente contagiosa, e ainda assim eu te abraçaria. E esse não é o caso. Como você está se sentindo?” (Rocha, 2018, p. 93).

Essa relação reforça a importância das alianças sociais ampliadas, fundamentais para o combate à sorofobia e à desinformação. De acordo com Goffman (2008), o estigma opera socialmente ao isolar indivíduos marcados por atributos considerados desviantes; nesse sentido, a amizade entre Ian e Gabriel funciona como um contraponto a esse isolamento, mostrando que o preconceito pode ser desconstruído por meio da convivência, do diálogo e do compromisso ético com o outro.

No núcleo das relações afetivas de Victor, a personagem Sandra desempenha uma função narrativa marcada por conflitos e tensões, revelando a complexidade das respostas sociais diante do HIV. Amiga próxima de Victor, ela manifesta posicionamentos críticos em relação a atitudes desinformadas e preconceituosas que emergem ao longo da narrativa, como exemplifica a fala a seguir:

— Você não pode estar falando sério! — Ela arregala os olhos. — Você sabe que beijo não transmite nada além de herpes, não é? Deixa de ser hipócrita, Victor! A gente vai pra boate direto e você beija gente que nem sabe o nome e agora vem com esse papo de “vou pegar HIV com um beijo”? Pensei que você fosse mais inteligente do que isso (Rocha, 2018, p. 107).

Os embates de Sandra com o Victor evidenciam como o preconceito muitas vezes se sustenta em discursos naturalizados, reproduzidos mesmo em relações de proximidade. Conforme apontam estudos sobre estigma e saúde, a desinformação constitui um dos principais fatores de manutenção da discriminação contra pessoas vivendo com HIV (UNAIDS, 2021). Ao mesmo tempo, Sandra demonstra afeto e preocupação genuína, o que reforça a ambiguidade das relações humanas diante de temas sensíveis: “Ergo as sobranças, surpreso. Sandra sempre foi a primeira a dizer que as coisas seriam fáceis se eu permitisse, e que todas as complicações eram fruto do meu medo, do meu preconceito, da minha desinformação.” (Rocha, 2018, p. 190). Sua presença funciona, assim, como um espelho crítico das contradições sociais, evidenciando os conflitos entre ignorância e conscientização que atravessam a obra.

Por meio dos personagens secundários, Lucas Rocha evidencia que o enfrentamento do HIV e do preconceito é um processo coletivo, atravessado por apoio, conflito, informação e resistência, reafirmando a literatura como espaço privilegiado de reflexão social, denúncia e afirmação da dignidade humana.

Outras personagens secundárias de importância significativa na narrativa de Lucas Rocha são as *drag queens* Bibi Montenegro, Mad Madonna, Kara Parker e Nicolle Lopez, que ocupam um lugar que extrapola a função estética ou performática, configurando-se como figuras de resistência, produção de memória e enfrentamento político. A presença dessas personagens dialoga diretamente com a tradição histórica da cultura *drag*, que, conforme apontam estudos de Igor Amanajás (2023) sobre os atores transformistas, sempre esteve associada à “paródia crítica das normas de gênero e à contestação de padrões sociais hegemônicos” (Amanajás, 2023, p. 4–6).

De acordo com esse percurso histórico, “a performance *drag* não se limita ao entretenimento, mas atua como um dispositivo político, capaz de revelar a artificialidade das convenções de gênero e de tensionar estruturas morais cristalizadas” (Amanajás, 2023, p. 7–9). Na narrativa de Lucas Rocha, essa função é literariamente incorporada por meio das drags que acolhem, orientam e se colocam ao lado de Henrique, especialmente nos momentos em que o personagem enfrenta a violência simbólica decorrente da sorofobia:

— Vamos logo com isso, cacete! — Bibi responde. Depois olha ao redor, sorri e começa a falar: — Em primeiro lugar, muito obrigada a todas que se dispuseram a vir aqui e cancelar seus compromissos tão em cima da hora para dar uma força ao nosso amigo Henrique. Esse cara é o meu irmãozinho, talvez a pessoa mais importante que eu tenho na vida, e ver o que aconteceu com ele e ficar com o sangue fervendo só me fizeram ter uma certeza ainda maior de que eu o amo desde o dia em que a gente começou essa nossa amizade louca (Rocha, 2018, p. 271).

A personagem Bibi Montenegro – *alter ego* de Eric –, assim como Mad Madonna, Kara Parker e Nicolle Lopez, integra um coletivo que transforma o afeto em prática política. Essa dimensão dialoga com a compreensão da *drag queen* como agente de resistência urbana, conforme analisado por Everton Viesba (2025), ao afirmar que “a *drag* ocupa o espaço público como forma de denúncia e reinscrição simbólica de corpos historicamente marginalizados” (Viesba, 2025, p. 62–64). No romance, essa ocupação se dá tanto nos espaços culturais quanto nas ações coletivas que articulam arte, amizade e protesto.

O momento culminante dessa função política ocorre no trecho final da obra, quando as personagens *drag queens* se unem a Victor, Ian, Henrique e Sandra em um ato performático de denúncia: o lançamento de balões de tinta na casa dos pais de Carlos – ex-namorado de

Henrique –, ao som da música *O tempo não para*, de Cazuza. Tal cena pode ser compreendida como uma performance coletiva de protesto, na qual o gesto artístico substitui a violência física, convertendo indignação em linguagem simbólica. Essa estratégia se aproxima do que Viesba (2025) define como pedagogia urbana da performance *drag*, em que “o brilho e o exagero operam como crítica social” (Viesba, 2025, p. 65–67).

A tinta lançada sobre a casa funciona como metáfora da exposição forçada da sorologia sofrida por Henrique, mas adquire maior densidade simbólica ao ser composta pelas cores do arco-íris, historicamente associadas à luta por direitos, visibilidade e dignidade da população LGBTQ+. O uso dessas cores transforma o protesto em um gesto político consciente, no qual a marca visual deixada no espaço privado converte-se em denúncia pública da violência moral e do silenciamento imposto às pessoas LGBTQ+ vivendo com HIV.

Conforme demonstram estudos sobre a cultura *drag* e o transformismo em artigo de Amanajás (2023), “o uso da cor, do excesso visual e da teatralidade constitui uma estratégia recorrente de subversão das normas sociais, funcionando como linguagem crítica capaz de desestabilizar discursos hegemônicos e tornar visíveis corpos e identidades marginalizadas” (Amanajás, 2023, p. 10–12). Nesse sentido, o arco-íris deixa de operar apenas como símbolo celebrativo da diversidade e passa a funcionar como inscrição política no espaço urbano, reafirmando a existência e a resistência da comunidade LGBTQ+ frente à sorofobia e ao preconceito estrutural.

Além disso, o gesto coletivo protagonizado pelas *drag queens* e pelos demais personagens pode ser compreendido como uma forma de ocupação simbólica da cidade, aproximando-se do que Viesba (2025) define como práticas de memória urbana e resistência performativa. Ao lançar as cores do arco-íris sobre a casa associada ao agressor, o grupo desloca a vergonha e a culpa historicamente atribuídas às pessoas vivendo com HIV, devolvendo-as ao campo social que produz e sustenta a violência. Trata-se, portanto, de uma “ação que articula estética, política e ética do cuidado, reafirmando o protesto como forma legítima de enfrentamento simbólico” (Viesba, 2025, p. 65–67).

A escolha da música *O tempo não para*, de Cazuza, intensifica ainda mais a dimensão histórica, afetiva e política da cena: “Bibi se posiciona e dá um sinal para Victor, que dá o *play* na caixa de som que possui bateria o bastante para tocar por, ao menos, uma hora, fazendo estrondar os primeiros acordes da guitarra raivosa de “*O tempo não para*”, de Cazuza.” (Rocha, 2018, p. 274).

Cazuza tornou-se uma das figuras mais emblemáticas da epidemia de HIV no Brasil, não apenas por ter vivido publicamente o adoecimento, mas por ter enfrentado, em seus últimos

anos de vida, o estigma, a exposição midiática e a ausência de políticas públicas eficazes de tratamento e prevenção. Sua morte, em 1990, marcou profundamente o imaginário social brasileiro, consolidando-o como símbolo de uma geração atravessada pelo medo, pela desinformação e pelo preconceito. Ao evocar sua música no ato final de protesto, o romance estabelece um diálogo direto com essa memória histórica, reafirmando que as violências associadas ao HIV não pertencem apenas ao passado, mas persistem sob novas formas na contemporaneidade.

Nesse contexto, a canção de Cazuza opera como arquivo simbólico da memória do HIV, acionando afetos, lembranças e disputas discursivas em torno do vírus. A performance coletiva protagonizada pelas *drag queens*, ao som de *O tempo não para*, reforça a ideia de continuidade da luta e de resistência frente às tentativas de silenciamento. Conforme argumenta Viesba (2025, p. 68-69), “a cultura *drag* frequentemente atua como guardião de memórias dissidentes, transformando o espetáculo em denúncia e o brilho em crítica social”. Assim, o desfecho do romance reafirma a arte como espaço privilegiado de elaboração do trauma, da denúncia da violência e da afirmação da vida, inscrevendo *Você tem a vida inteira* em uma tradição literária comprometida com a memória, os direitos humanos e a dignidade das pessoas LGBTQ+ vivendo com HIV.

Ao integrar as personagens *drag queens* a esse gesto final de enfrentamento, o romance reafirma que o combate à sorofobia não se limita ao campo biomédico ou jurídico, mas se estende ao campo cultural, performativo e afetivo. As *drags* tornam-se, assim, arquivos vivos de resistência, encarnando uma memória coletiva que se recusa ao apagamento e à normalização da violência, reafirmando a literatura como espaço de denúncia, cuidado e afirmação da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central analisar de que modo a obra *Você tem a vida inteira*, do autor brasileiro Lucas Rocha, constrói representações contemporâneas sobre o HIV que rompem deliberadamente com as narrativas cristalizadas da “sentença de morte”, historicamente associadas ao vírus. A pesquisa partiu do entendimento de que tais narrativas não apenas marcaram o discurso biomédico e midiático das décadas iniciais da epidemia, mas também influenciaram profundamente as produções culturais e literárias sobre o tema.

Nesse sentido, o estudo investigou como a trama se distancia de arquétipos fundados no medo paralisante, na culpabilização moral e na lógica punitiva, propondo, em contrapartida, uma abordagem centrada na pulsão de vida, na centralidade do afeto, no cuidado compartilhado e na viabilidade concreta de um futuro pleno e possível para pessoas LGBTQ+ que vivem com HIV.

Partindo desse propósito, a pesquisa buscou compreender como a literatura contemporânea, ao operar na fronteira entre o estético e o político, pode atuar como um espaço privilegiado de ressignificação simbólica. Ao narrar experiências atravessadas pelo diagnóstico, pelo estigma e pelas relações afetivas, a obra analisada contribui ativamente para a desconstrução de preconceitos arraigados no imaginário social, ao mesmo tempo em que amplia o debate público sobre o viver com HIV na atualidade.

Assim, a literatura é compreendida não apenas como representação da realidade, mas como prática discursiva capaz de tensionar normas sociais, questionar discursos hegemônicos e produzir novas formas de compreensão do corpo, da doença e da vida.

Ao longo do percurso investigativo, o estudo respondeu ao problema de pesquisa ao evidenciar que o romance de Lucas Rocha promove um importante giro narrativo em relação às representações tradicionais do HIV. A obra se afasta radicalmente das narrativas trágicas, moralizantes e punitivas que dominaram o imaginário social e as produções culturais nas primeiras décadas da epidemia, especialmente nos anos 1980 e 1990.

Em lugar de narrativas centradas exclusivamente no sofrimento, na perda e na morte, o romance apresenta personagens que experienciam o diagnóstico de maneira complexa, contraditória e profundamente humana, atravessada por dilemas de pertencimento, desejo, identidade e resistência cotidiana.

A narrativa não ignora a gravidade do vírus nem minimiza as dificuldades impostas pelo tratamento, pelo preconceito e pela discriminação social. Contudo, ao deslocar o eixo do discurso do “luto” para a “luta” e para a continuidade do cotidiano, a obra enfatiza que a

soropositividade é apenas uma das múltiplas dimensões que constituem a identidade dos sujeitos. Dessa forma, o romance reforça a importância do cuidado integral, do acesso à informação científica atualizada e do enfrentamento direto ao estigma social, que, muitas vezes, se revela mais prejudicial do que o próprio vírus. A literatura, nesse contexto, atua como um espaço de denúncia das violências simbólicas e como um convite à empatia e ao reconhecimento do outro.

Os objetivos propostos foram plenamente alcançados na medida em que a análise permitiu identificar estratégias literárias específicas, como o uso recorrente da focalização interna, compreendida, conforme a narratologia de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2000), como a adoção do ponto de vista de uma personagem que condiciona e limita as informações narrativas apresentadas ao leitor, a alternância de perspectivas narrativas e a construção de diálogos sensíveis, que colaboram para a humanização das personagens e para o aprofundamento de suas subjetividades. O texto literário configura-se, assim, como um campo crítico de resistência às violências simbólicas e morais que ainda recaem sobre corpos dissidentes e historicamente marginalizados.

Um dos pontos centrais da análise consistiu em observar que a presença de personagens secundárias, como o grupo de *drag queens*, extrapola o mero alívio cômico ou a função estética tradicionalmente atribuída a essas figuras na literatura e nos meios de comunicação. Essas personagens assumem um papel político e memorialístico fundamental, representando sujeitos que, historicamente, estiveram na linha de frente do acolhimento, do cuidado e da produção de redes de apoio mútuo durante os momentos mais críticos da epidemia. Ao dar visibilidade a essas trajetórias, a obra mantém viva a memória de uma comunidade que resistiu à margem das instituições oficiais e dos discursos hegemônicos.

Além de seu valor estético e narrativo, a literatura revela-se, ao longo desta pesquisa, como um instrumento potente de intervenção simbólica na realidade social. Longe de se restringir ao campo da arte enquanto expressão individual ou entretenimento, a literatura atua como prática cultural capaz de tensionar discursos normativos, questionar hierarquias sociais e produzir novos sentidos sobre experiências historicamente marginalizadas.

Ao narrar vivências atravessadas pelo HIV, pelo preconceito e pela resistência cotidiana, *Você tem a vida inteira* demonstra que o texto literário pode operar como espaço de formação ética, ampliando a consciência social e promovendo deslocamentos no modo como os sujeitos percebem o outro e a si mesmos.

Nesse sentido, a literatura assume um papel fundamental na transformação da sociedade ao possibilitar o exercício da empatia, da escuta e do reconhecimento da alteridade. Ao oferecer

ao leitor acesso a experiências que muitas vezes permanecem invisibilizadas no debate público, o texto literário contribui para a desconstrução de estigmas e para a construção de imaginários sociais mais inclusivos e humanizados. Tal perspectiva reforça a compreensão da literatura como uma prática social comprometida com a dignidade humana, capaz de articular sensibilidade estética e responsabilidade ética, especialmente quando mobilizada em contextos educativos e formativos.

Do ponto de vista teórico, o trabalho estabeleceu um diálogo consistente e interdisciplinar com contribuições dos estudos literários, da Teoria *Queer*, da sociologia e da saúde coletiva. Autores como Erving Goffman e Susan Sontag foram fundamentais para compreender os mecanismos de construção social do estigma, enquanto as reflexões de Judith Butler e Michel Foucault permitiram analisar como corpos e sexualidades são regulados por normas sociais e dispositivos de poder.

Nesse contexto, a obra de Lucas Rocha pode ser compreendida como um espaço de contestação dessas estruturas normativas, reafirmando a literatura como território de disputa simbólica e produção de novos modos de existência.

Essa compreensão alinha-se diretamente ao pensamento de Antonio Candido, para quem a literatura constitui um direito humano fundamental, pois possibilita aos indivíduos compreenderem a complexidade da vida social e das relações humanas. Ao promover o exercício da alteridade e o contato com experiências diversas, a literatura reafirma seu papel como instrumento de formação ética e de justiça social.

Entre as principais contribuições deste estudo, destaca-se a valorização da produção literária brasileira contemporânea tanto como expressão artística e cultural como uma ferramenta pedagógica e social potente para o debate de temas sensíveis e urgentes, como o HIV, o estigma e as dissidências de gênero e sexualidade. O trabalho reforça a necessidade de narrativas que promovam a visibilidade de vozes historicamente silenciadas, colaborando para a construção de uma educação crítica, inclusiva e comprometida com os direitos humanos e com a dignidade da pessoa humana.

A pesquisa aponta, ainda, que *Você tem a vida inteira* apresenta elevado potencial de aplicação em contextos educacionais, podendo ser utilizada como disparador para discussões sobre saúde pública, afetividade, cidadania e combate à sorofobia.

No que se refere às limitações do estudo, reconhece-se que o foco em uma única obra literária restringe a possibilidade de generalizações sobre o conjunto da produção literária contemporânea que aborda o HIV. Além disso, a natureza predominantemente teórica e qualitativa da pesquisa não contemplou investigações empíricas sobre a recepção da obra por

leitores jovens-adultos ou sobre seus impactos concretos em práticas pedagógicas, lacunas que se configuram como possibilidades para pesquisas futuras.

Diante desse cenário, sugere-se que novos estudos ampliem o *corpus* analítico, estabelecendo diálogos comparativos com outros autores contemporâneos que abordem a interseccionalidade entre HIV, raça, classe social e gênero. Também se destaca a relevância de pesquisas de campo que investiguem como essas narrativas estão sendo consumidas, apropriadas e ressignificadas pelas novas gerações, fortalecendo o papel da literatura como instrumento de transformação social.

Em suma, este trabalho conclui que, ao dar forma sensível, ética e esperançosa a experiências frequentemente relegadas à tragédia, a arte literária desempenha um papel indispensável na construção de uma sociedade mais justa, plural e acolhedora da vida em todas as suas dimensões.

Viver com HIV é existir apesar do estigma.

REFERÊNCIAS

- AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, São Paulo, v. 16, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/revistabelasartes/article/view/306>. Acesso em: 29 dez. 2025.
- AMARAL, Caroline Amaral. **Literatura juvenil contemporânea LGBTI: significados sobre identidade de gênero e sexuais**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011625.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **AIDS / HIV**. Brasília: Ministério da Saúde, 01 mai. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>. Acesso em: 14 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 14.289, de 29 de dezembro de 2021. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Testes e Aconselhamento em HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (PNTA-HIV/AIDS) e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14289.htm. Acesso em: 14 out. 2025.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** [recurso eletrônico]. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed experience: trauma, narrative, and history**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- CASTIEL, Luis David; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. **Precariedades do excesso: informação e risco na saúde contemporânea**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- COHEN, Myron S.; CHEN, Ying Q.; MCCAULEY, Marybeth; et al. Antiretroviral therapy for the prevention of HIV-1 transmission. **New England Journal of Medicine**, v. 375, n. 9, p. 830–839, 2016.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FONSECA, Leandro Noronha da. A presença do HIV/AIDS em obras literárias selecionadas pelo PNLD Literário 2018. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 22, p. 1– 15, 2020. Disponível

em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3761>. Acesso em 05 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; MOURA, Dayvison Bandeira de. A chave para o conhecimento: desvendando os benefícios da pesquisa bibliográfica em pesquisas educacionais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 597-604, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i3.10440>. Acesso em: 31 maio 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Apicuri, 2016.

HEREK, G. M.; CAPITANIO, J. P. AIDS stigma and sexual prejudice. **American Behavioral Scientist**, v. 42, n. 7, p. 1097–1116, Apr. 1999.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction**. New York: New York University Press, 1996.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1950. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bf/Lippman_Walter_Public_Opinion.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARIANO, Marcos. Teoria Queer na literatura: definição e análise. **Literar**, 23 ago. 2024. Disponível em: <https://literar.org/glossario/teoria-queer-na-literatura-definicao-e-analise/>. Acesso em: 1 maio 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estereotipo>. Acesso em: 7 mai. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. **Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS**. Brasil:

UNAIDS, 2019. Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2019/12/2019_12_06_Exec_sum_Stigma_Index-2.pdf. Acesso em: 08 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. HIV e AIDS 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids>. Acesso em 30 abr. 2025.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. HIV and AIDS-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action. **Social Science & Medicine**, v. 57, n. 1, 2003.

REIS, Ana Cristina; LOPES, Carlos. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2011.

ROCHA, Lucas. **Você tem a vida inteira**. São Paulo: Galera Record, 2018.

ROCHA, Lucas. **Você tem a vida inteira – entrevista**. Rio de Janeiro: Grupo Record, [s.d.]. Disponível em: <https://www.record.com.br/voce-tem-a-vida-inteira-de-lucas-rocha/>. Acesso em: 20 out. 2025.

RODGER, Alison J.; CAMERON, Sally; BRUUN, Tessa; et al. Risk of HIV transmission through condomless sex in serodifferent gay couples with the HIV-positive partner taking suppressive antiretroviral therapy (PARTNER2): final results of a multicentre, prospective, observational study. **The Lancet**, v. 393, n. 10189, p. 2428–2438, 2019.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

SOARES, Rosana de Lima. De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. **E-Compós**, Brasília, 2009. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/377/328>. Acesso em: 23 out. 2025.

SALUTTO, Nazareth. Literatura, ética e alteridade: seis proposições para a formação do leitor. **FronteiraZ**, São Paulo, n. 22, p. 114–130, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/37425/28983> Acesso em 14 out. 2025.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

UNAIDS Brasil. **UNAIDS parabeniza Nova Zelândia por finalizar restrições de viagem para pessoas que vivem com HIV**. Brasília, 25 out. 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yqEK>. Acesso em: 28 nov. 2025.

VIESBA, Everton. Brilho, resistência e memória urbana: a drag queen como ícone do movimento LGBTQ+ – estudo de caso sobre Silvetty Montilla. **COR LGBTQIA+**, v. 2, n. 9, p. 60–70, 2025. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/2019>. Acesso em: 18 dez. 2025.